

o

PRANTO

INSÓLITO

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho
Joaquim Haroldo Ponte
Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Eduardo Campos

MONTAGEM DA CAPA

Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Alexandre Dantas

EUDARDO CAMPOS



PRANTO
INSÓLITO

CONTOS

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

1999

“Tratemos de falar das coisas que nos cercam”

EDMOND ROSTAND
Cirano de Bergerac – Cena VII, III Ato

“Um rio caudaloso seca,
falta-lhe chuva, água afasta,
a pedra o tempo destrói,
se acaba a coisa mais vista,
gasta-se o corpo que ama,
mas o amor não se gasta...”.

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE,
O Príncipe e a Fada, cordel

“Escrevo para mim mesmo e para os meus amigos,
“ e escrevo para passar o tempo.

JORGE LUÍS BORGES
Citado por Graham Green

SUMÁRIO

Pág.	9	Pranto Insólito
Pág.	19	O Noivado
Pág.	29	Doidice de Amor
Pág.	35	A Festa do Casamento
Pág.	45	O Filho
Pág.	55	O Boi Fujão ou o Vaqueiro em Desventura, Mas Venturoso
Pág.	65	O Poder do Pensamento
Pág.	73	O Doente
Pág.	83	Padeiro, Pão e Amor
Pág.	93	O jogador de Damas
Pág.	103	A Volta
Pág.	113	Pagando Promessa

0
PRANTO
INSÓLITO

Lalinha, para se anunciar, bateu na porta do barraco, gasta folha de compensado pintada de amarelo, e logo foi entrando na casa da amiga. Todo dia estava ali para ganhar uns trocados, ou, restos de comida, pelo favor que vinha prestar a dona da casa, esmoler conhecida por Mimosa da Praça, já de pé àquele instante – seis da manhã – cuidando de vestir o filho, de oito anos, o Manezinho.

De praxe estariam os dois, logo mais, seguindo até a cidade, onde permaneceriam, pelo decorrer do dia, em tradicional ponto de pedintes, que a mulher controlava.

O menino, a seu lado, bastante magro, carregava sobre o corpo esguio enorme cabeça de cabelos desgrenhados. Vendo-o assim de modo desproporcional constituído, a mãe se alegrava pela circunstância de poder exibi-lo à curiosidade pública.

E por imposição dela, o filho se alimentava mal, que a idéia era manter o corpo exaurido de carne, que quanto mais magro fosse, melhor o efeito de miséria, motivo importante a reforçar a arrecadação de espórtulas.

De fazer pena o aspecto de desnutrição da criança, a tez encerada, a fragilidade extrema do corpo, enquanto os cabelos, abundantes e fétidos, mesmo quando penteados, despencavam-se-lhe sobre os olhos, a encobrir as orelhas de abano. Esse o exato formato pretendido pela mãe, certa de que o tendo assim, a féria estava garantida.

Lalinha – “estou chegando, aqui vou eu” – foi adentrando o barraco até deparar Mimososa da Praça metida nos costumeiros andrajos, indumento improvisado em saia e blusa, a primeira peça esgarçada e marcada de numerosas manchas de café, uns tantos respingos de sopas e cocô de passarinho.

– Não é que o sono me pegou... – veio se desculpando a vizinha – E só agora pude fazer o café em casa, despachar o marido...

Displicente, enquanto vestia o menino num sunga preto que mais parecia mortalha, a outra respondeu indiferente.

– É fazer aqui o de sempre... O cachorro já está amarrado no quintal... Bicho, você sabe, sem luxo algum. Come qualquer coisa. Não pode é passar sem água.

A vizinha, vexada, reparou o menino antes de comentar: – Tu ainda maltratando ele?

– Só pra chorar direito... – Mulher, olha o Juizado de Menores... Isso acaba dando cadeia... O rádio deu, outro dia, que...

– Rádio!... esses sacanas deviam se importar mais com a vida deles...

– Estão trabalhando, criatura! Se não fosse a miséria do mundo, de que vivia jornal, rádio e televisão!

Parou a considerar que algo devia ser dito à amiga: – Olhe, sei que você bate na cabeça do menino pra ele chorar...

– Defende não, mulher! Tu não sabe quem é essa desgraça com ar de macho triste... Quem conhece ele, sou eu. Só chora bonito, de chamar a atenção, quando taco na cabeça dele um cascudo, o dedão dobrado... Ah, queria você por perto, para ouvir! Junta gente...

Calou-se. Foi a vez da outra indagar curiosa: – Como assim?

– Abre a boca no mundo, ele berrando e eu narrando: “Todo esse choro por ter perdido o paizinho, só faz dois dias... Tão agarrado a ele! Ia com o pai até pro banheiro... Não, não se consola! Pode o filho ficar indiferente ao ver o pai assassinado na sua frente? Ah, o inocente nunca mais comeu direito...”

Diante do pedaço de espelho pendurado na parede a mãe do menino deu os últimos ajustes no vestido, antes de informar:

– Chove dinheiro. Tem até quem me pergunte se não quero dar a criança para ente de posse, criar. Dou nada!... Ah... Sem esse infeliz, devo reconhecer, não ganhava esmola nenhuma... Você sabe. Estou juntando os trocados pois quero voltar para o sertão... Vida de cidade só para barão e vereador.

Recuou para repuxar a saia, descendo-a em busca do chão de tijolo da sala apertada em que estavam.

Foi a vez de Lalinha, muito admirada, perguntar: – Mulher, tu está sem calcinha?

Mimosa da Praça riu, pândega, e com graça levantou a saia, a confirmar:

– É pra facilitar... Olhe, me abaixe num canto da calçada, como não querendo nada, e pronto... Me alivio. – Você é mais doida do que pensei!

– Se precisasse lutar pela vida, como eu, acabava fazendo pior. A dor ensina a gemer. Para criar o Manezinho, fazia mais doidice que eu. E olhe: com sua conversa,— acabei me atrasando...

À saída, carregando o menino pela mão, repetia as instruções:
– O cachorro come qualquer coisa, mas tem de ter água farta... O feijão e o arroz estão em cima do fogão.

Afastou-se resmungando ser capaz de não encontrar o “ponto” desocupado. Mas quando chegou, viu tudo em ordem. Instalou o filho sentado a seu lado, como se arrumasse um objeto.

Ao se aproximar o primeiro grupo de pessoas, mais que ligeira a mulher bateu forte na cabeça do menino, e baixo, autoritariamente, comandou:

– Chora, diabo, chora!

Pela vizinhança todo mundo ficou sabendo que a pedinte esmolambada já estava ali com o chorão dela... Em verdade aquela cena incomodara a todos no primeiro ano, mas depois : tanto os comerciantes como os biscateiros, que demoravam na redondeza, foram se acostumando... Davam jeito? Podiam?..

Quase sempre os curiosos, em maior número mulheres, estacionavam diante dos dois. Quanto mais idosa a pessoa, mais a esperata Mimosa da Praça sabia fazer para se compadecerem dela.

E as coisas iam sucedendo como em filme, pois logo havia alguém. curioso a cobrar a razão do choro desesperado do filho.

Nesse instante a mãe passava a explicar. E não era que o pai, já pisando no batente da porta, acabara assaltado por marginal traiçoeiro de faca na mão,.. O tal, sem dó nem piedade, lhe jogara o ferro...

Ah, nem apreciava contar o resto: a coisa acontecera na frente do inocente, o pai executado aos prantos, a gritar “me acuda, me acuda!”, e vomitando sangue... Ah, desde esse dia, o menino não quis mais comer, e ficou assim, de chorador frouxo...

Mais tarde, ao divisar outro grupo de pessoas, Mimosa tornou a bater forte na cabeça do filho:

– Chora, capricha no choro! Agora, já!

A chuva que desabara sobre a cidade ainda continuava de manhã quando Lalinha entrou mais uma vez na casa da Mimosa da Praça.

A mulher tossia sem parar, a se queixar da “maldita gripe, a do apelido da moda”, que a pegara de vez. A outra argumentava, fazia questão de chamar atenção para a magreza de Mimosa, tudo porque ultimamente se debilitara bastante com a mania de passar por esfo-meada... Vinha nisso, há anos, sem se alimentar direito! Se olhasse ao espelho, só ossos...

– Está aí no que deu o exagero. Agora vai ter de gastar as economias... Remédio de farmácia é caro!

Não exagerasse a outra – ia rebatendo Mimosa – como queria que arranjasse dinheiro para guardar, fazer pé de meia? Mais um ano, podia jurar, queria largar aquela vida, ir-se dali de retorno ao sertão, de onde saíra pensando encontrar a felicidade na cidade grande... Mas se enganara redondamente. Sabia que ia ter de viver a vida toda a mendigar, de ponto assentado a implorar a caridade pública... Caridade merda, que em muito pouco atendia às suas necessidades...

– Gripe mal curada é perigo. – Besteira!

– Besteira não! Pior agora, pois dizem está dando a tal virose nas criaturas.

– Virose? Que é isso?

– Quem sabe? Mas mata a gente. A pessoa vai definhando, tem febre alta, e acaba esticando a canela...

– Bota tua boca pro mar!

– Tira uns dias, fica em casa. Te digo: toma um xarope, vitaminas... Ouvi pelo rádio que vai continuar chovendo o dia todo.

– Ficar em casa? Tu és doida? Só o tempo estiar, dou no pé... Notando algo na cabeça do Manezinho, a vizinha falou: – Você parece que feriu o menino?

– E não foi mulher! Esse danado, ontem, embirrou pra não chorar... E tome pancada... De repente, não sei como, o dedo desse anel que tem a pedra, triscou no couro cabeludo... Foi até bom, saiu sangue, o quanto bastou para aumentar a curiosidade de quem passava.

– Não, você é mesmo doida! Acaba danificando o juízo do inocente.

Depois de tossir, sem se poder conter, a mulher acrescentou se desculpando:

– Nele só não aproveita pancada que não bate bem... – Sei não...

– Sei não o quê?

– Diante desse tempo, ficava em casa, botava iodo na ferida... .

– Nem fico em casa, nem vou botar iodo. E ande, vá fazer as coisas, a chuva está passando. Tenho de sair na estiagem. Lalinha,

você não sabe quem é esse cristão. Só vai na pancada. E outra coisa, sei como estou de saúde. Não fosse a tosse, que não me deixa, estava tudo bem...

– Ah, sua teimosa! Vá, a vida é sua. Depois, não se arrependa.

– Azar!

Foi-se, a saia arrastando na água empoçada. Magra, esque-lética. O menino, renitente, sem querer segui-la, a vontade enorme de ficar em casa.

Dois dias depois internaram-na, em crise de respiração, na Santa Casa.

Lalinha mudou de cor, e esteve a ponto de desmaiar. Indo de visita à amiga, na enfermaria, recebeu a dolorosa notícia:

– A paciente morreu. Acabou-se de madrugada...

O hospital encarregou-se de mandar o corpo. Mas Lalinha, para diligenciar as providências do enterro, teve de mexer a casa toda em procura do dinheiro da morta. Só depois de muita buscar, afinal achou o bolo de cédulas e moedas metido em velha panela, o dinheiro socado em meia velha, fedorenta.

O corpo de Mimosa da Praça acomodou-se fácil na mor-talha oferecida pela Sociedade de Socorro aos Desventura-dos. O caixão, de empréstimo, forrado de desbotado pano preto, descansava sobre dois tamboretas da cozinha, e arrumado em posição diagonal, tal a exiguidade do ambiente.

Velas, apenas duas, em gastos castiçais equilibravam-se, som-brias, à cabeceira da falecida. As pessoas que chegavam, queriam saber ,como tinha sido aquilo, como a pobre mulher findara de um momento para outro.

Frágil muito frágil a vida das pessoas! – comentavam. Seguro pela mão de Lalinha, ao lado do caixão, miúdo

e insignificante, Manezinho assistia a tudo com pétrea indi-ferença. Os cabelos continuavam rebeldes e desabavam sobre as orelhas, e em desleixo pareciam escorrer, ainda que pegajosos, pelo rosto.

Quem estava ali não viu o menino de corpo inteiro, mas só o seu cabeção ostensivo no qual inseriam-se uns olhos de gente tresnoitada, arregalados e vermelhos.

Foi quando alguém comentou:

– A dor é tamanha que a criança nem chorar pode... Nessa hora Lalinha pensou consigo mesma: é ruim o menino não demonstrar sofrimento. Virando-se para ele, sussurrou:

– Chore, meu filho... Mostre sua dor.

Mas Manezinho, como se a mulher falasse a outra pessoa, continuou indiferente, os olhos de nenhuma lágrima.

Mais incisiva, tornou ela já agora em tom mais alto, irritada:

– Vamos, você tem de chorar! Fica feio não mostrar afeição... Não me faça essa vergonha.

Quem se avizinhava dos dois, por perto, pôde ouvir o menino responder baixo:

– Então, me bata. E sem que ninguém esperasse, viram todos o gesto da Lalinha. Aparentemente aborrecida ela desceu com vigor a mão na cabeça do menino.

Foi tocar na cabeça volumosa e repulsiva da criança, logo ouviu-se rumoroso pranto jamais escutado por aquela gente curiosa e interessada na desgraça de Mimosa da Praça.

Tamanho choro – poder-se-ia dizer descomunal –, abalou as paredes da sala do barraco, e logo fez estremecer e appear da parede o espelho partido e os retratos de santos e artistas; e não demorou a se tornar pranto torrencial que foi enchendo o cômodo até aturá-lo de tal modo, que não mais se podia conter ali.

E se desenlaçando, desaçamado, avassalador, indócil, despachou-se de porta a fora e foi invadir a rua, tomando o chão de barro batido, a correr rente aos barracos, a atropelar os curiosos que acudiam surpresos e atônitos, a ver, pela primeira vez, um mar de lágrimas.

0 NOIVADO

Durante anos, na mesma hora, Sinobilino fazia, todos os dias, exceto aos domingos, aquele percurso para a casa das “meninas”, denominação para disfarçar a identidade das inquilinas, mulheres da chamada vida fácil. Dessas, baixinha e de poucas atrações físicas, Senhorinha.

Para estar com ela, Sinobilino, solteirão conformado, saía de casa exatamente uma hora depois do jantar, o que ocorria pelas sete da noite, e sempre metido em sua roupa escura de ir às visitas, seguia até o prostíbulo.

Na vila, sem perceber, era o relógio dos vizinhos. Nem de longe podia desconfiar que suas passadas, o aparecimento de seu vulto pesadão e lento, alertavam aos demais para as obrigações domésticas, ou de lazer, a começo de noite. Certo que uma e outra vez, ao longo dos anos, tivera a impressão de ao passar diante da casa do juiz de Direito, ouvir a voz da esposa do magistrado anunciar:

– Sebastiana, hora de servir o jantar. Noutra residência imaginou que a providência também se ajustava à sua presença na rua,

pois o dono da casa à janela, ao vê-lo caminhando, informou para alguém:

– Vai começar a novela. É bom abrir a televisão... E ele, alheio a tudo, andando.

Não tinha muitas quadras a percorrer até alcançar a casa das “meninas”. Senhorinha lá estava, metida em vestido de flores (eram papoulas) de intenso amarelo, e laço de fita azul na cabeça, para as boas vindas. E o fazia estendendo-lhe a mão em cujo anular, de unha pintada de roxo, cintilava pedra de anel fantasia.

Na verdade ela almejava imitar as companheiras de profissão, e a tanto ir além do chocho cumprimento, e reter o homem entre os braços, beijá-lo, como viu na fita de Cinema.

Mas se repetiam sempre os mesmos gestos, ela tendo de assumir a postura de possível dona de casa, feliz esposa dessas que assim se consideravam por ter chegado ao altar virgens, de vestido de noiva, véu e grinalda. Mas da atenção de estender à mão ao homem o cumprimento não passava, e tudo resultava mesmo muito informal, algo mais para afeto de amigos que de amantes. – Tudo bem, Senhor? – Tudo bem, Senhorinha – ele respondia. E entregava-lhe o chapéu de massa, a conceder breve sorriso, um abrir de boca, que diligenciava na medida certa para os circunstantes notarem à obtenção de ouro.

Senhorinha indagava: – Quer demorar na sala, Senhor?

– Não, Senhorinha. Melhor a gente ir para o quarto, conversar lá.

Assim, toda vida antes e como ocorria por então em abafadíssima noite de agosto. Deram-se ambos a cumprimentos tradicionais, na entrada da casa, e depois se ausentaram da sala onde tocava a eletrola de modelo antigo. No quarto, ela tomou às mãos dele o paletó já sacado do corpo enxundioso, enquanto o homem, como sempre nessa hora, ia passando revista à mobília, a um e outro quadro preso às paredes.

Sentou-se então para livrar-se dos sapatos, enquanto Senhorinha acudiu-lhe com cigarros e fósforos. Ah, dele o hábito de fumar ali, a sós, dois ou três cigarros. Nunca passou do terceiro...

Um dia Senhorinha lhe cobrara explicação: – Senhor, por que três... e não dois ou quatro? Ele sorriera antes de esclarecer: o seu pequeno vício tinha sortilégio mágico. E acrescentou, então, soar-lhe de modo cabalístico o três. Três a Santíssima Trindade, do mesmo modo os reis magos... Bem, e depois de muitos exemplos, em tom jocoso ajuntou: três os bombons que chupava, três os balanços da rede quando perdia o sono na casa; três as vezes que entrava e saía de debaixo do chuveiro, à hora do banho.

Naquele instante, àquela noite, acabara de livrar-se dos sapatos, a fumar o primeiro cigarro. E a reparar antigo retrato pendurado na parede, de que não se recordava, indagou: – Quem é a mulher do retrato?

– E não é a Princesa Isabel?! Libertou os escravos. Mulher santa.

– Sim, você contou antes...

Sugou a última fumaçada. À mulher entregou a ponta do cigarro para ser depositada no azinavrado cinzeiro de metal, propaganda de cerveja.

Foi a vez de Senhorinha falar: – Já posso apagar a luz?

– Pode. E preciso conversar.

– Então deixo a lâmpada acesa. – No escuro é melhor.

Ia dizer que não queria que ela lhe percebesse o constrangimento, mas preferiu deixar as coisas seguirem como de costume. Sua indecisão, um quer que fosse na voz insegura, fez a mulher perguntar:

– O Senhor está doente? – É isso não.

Seguiu-se momento de silêncio em que ambos puderam escutar o frouxo riso das mulheres nas dependências vizinhas, recebendo a seus parceiros; a inesperada demonstração de regozijo de quem acabava de chegar à porta da casa; e a galhofa de pessoa, já de voz engrolada pelo excesso de bebida.

Ela, acostumada aos ruídos da casa, pressentiu a amiga Maria Dalva se encaminhar àquele momento para o quarto com o sargento, comandante do destacamento de polícia, enquanto mais para o

fundo da casa, certamente na cozinha, a empregada apressava o café. Apetecente aroma, a pouco e pouco, inseria-se na rotunda negra que os cercava.

– Senhorinha... – ele principiou a falar e parou. – Sim. Sim.

E calou. Esteve a ponto de pedir que ela acendesse a lâmpada, pois só assim podia ser que a angústia, ou arrependimento, nem sabia como nomear, deixasse de incomodá-lo. Com decisão, resolveu confessar:

– Senhorinha, não fique triste não, mas vou ficar noivo. Em verdade de começo ela não gostou daquele homem esquisito, compenetrado, de atitudes marcadas pela repetição de hábitos diferentes dos das outras pessoas que visitavam a casa. Mas ao longo de vinte anos de relacionamento, com liberdade de desfrutar a vida à sua maneira, fora do horário que reservava para o amante, aprendera a respeitá-lo. Mas que isso...

Quando os outros referiam que o Sr. Sinobilino era o “dono dela”, repelia.

Não, não era. Mas bom amigo, pessoa que a acudira mais uma vez, até quando se julgara atingida por enfermidade cruel... Gostava dele? Era como se perguntava, só em suas desventuras. E a esses instantes achava devotar-lhe algo muito especial que os aproximava a ambos, além do relacionamento de cama, repetido, e de anos atrás.

Apreciava-lhe a maneira diferente de ser, mesmo na intimidade amorosa a que se acostumara, tais os modos cerimoniais dele, pouco à vontade em demorar em cima dela, sempre a indagar: “estou te machucando, estou?”

– Você me ouviu? Vou noivar... Disse e se ergueu da cama, como para segurar a própria voz que parecia, soando, flutuar no exíguo espaço do quarto.

– Não queria dar esse passo, mas estou caindo na idade, carecido de quem possa cuidar de mim.

Impacientando-se pelo silêncio dela, que o maltratava, ordenou:

– Abra a porqueira dessa luz, Senhorinha! Abra!

Pela primeira vez a mulher tão obediente a ele, toda vida, não aquiesceu. Por quê? por qual razão?

Sinobilino ainda teve vontade de insistir, em tom azedo, mas achou conveniente voltar a sentar na cama, já agora um tanto constrangido. Passado breve momento, como se nada daquilo estivesse acontecendo, ele tomou a dirigir-se a ela:

– Senhorinha...

– Eu.

– Você está entendendo? – Sim.

– Pois abra a boca... – Sou assim, calada.

E ele, muito sem jeito, inseguro, prosseguiu:

– Desde a semana passada, era para contar mas achei que adiar ficava melhor. Chegou afinal a hora de revelar tudo... A criatura é uns vinte anos mais moça do que eu. Mas isso não importa nada! O certo é que estou precisando de alguém para cuidar de minhas coisas, cuidar da minha roupa, das minhas refeições, dos meus remédios... Vivo só. Nem tenho com quem conversar, trocar idéias.

Quase disse: “meu divertimento é você”, mas resolveu usar outras palavras:

– Minha alegria é essa visita, de hora marcada, que lhe faço; esses momentos...

Como se estivesse a lamentar: – E você não é só minha.

Foi a vez dela ter vontade de dizer: “Também o senhor nunca me quis só sua, de dama exclusiva. E a tanto fui ficando esses tempos todos mulher de hora, como quem vai a dentista tratar do dente, a tantos dias por semana Talvez me achasse inferior, nem sei dizer.”

Não, não retrucou, e até já se ia acostumando ao escuro, pois não havendo iluminação no cômodo, tudo corria melhor. Nem ele estava vendo-lhe os gestos, nem ela os dele. Homem – ia pensando – cada qual mais malfeitor e desumano, de exemplo o Sr. Sinobilino, ali perto cheio de fingimentos em hora de desmerecê-la. Não, não era feita de pau, tinha pouca instrução, mas o coração pulsava em seu peito...

Senhorinha podia sentir-lhe a respiração opressa. A animação, com que o outro iniciara o discurso, esmorecia já agora. E de repente cortou a escuridão a voz de pessoa emocionada:

– Por favor, fale, mulher, fale! Aí ela arriscou fazer a pergunta:
– É a Carmosina?

Não, não era. O homem teve vontade de explicar que até não estava, como diziam os mais moços, apaixonado. Tinham se mirado com simpatia às tantas vezes que fora ao cartório do pai dela, autenticar documentos. O namoro atou-se quando os amigos insinuaram tratar-se de bom partido, sobre ser moça já de idade, diferente das “doidivanas que andam atrás de homem”.

Sim, sim, e assim foram conversando até ele prometer que no dia 12, a suceder no dia seguinte, estaria à noite na casa do dono do cartório para solenizar o pedido... Noivar, era isso, noivar. Mas antes de cumprir a missão, vinha, na verdade ali estava, de todo coração, a despedir-se dela, pessoa a quem jamais esqueceria...

Réstia de luz ameaçou invadir o quarto, e tudo ficou como estava, de tal modo que agora até o ar respirado era escuro.

Foram-se mais alguns minutos até Sinobilino tornar e insistir:

– Diga alguma coisa, criatura, diga! Calada a mulher ficou. Tão quieta que deu a impressão ao homem de não estar mais no quarto, ter fugido dali. E ele foi-lhe estirando o braço, a mão querendo encontrar o corpo da rapariga.

– Não, não me toque mais! Nisso, como recurso para quebrar a tensão, o clima de angústia que se fixara entre os dois, o homem comandou:

– Acenda o diabo dessa luz! Ele mesmo correu a mão no interruptor de cabeceira da cama, e o quarto clareou. A rapariga estava encolhida a um canto da cama, miúda, algo fora de serviço. E ele, se achando ridículo metido em cueca apelidada “samba-canção”, foi enfiar as pernas nas calças, compreendendo que a despedida romântica, imaginada, findara em desastre.

Caminhou até ver-se ao espelho, a ajeitar o laço da gravata, apanhar o paletó.

O relógio de pulso marcava ir o mundo por volta das dez da noite. A regressar para casa, àquele momento, à sua passagem os amigos no bar haveriam de gracejar: “Noite bem puxada, de despedida!” – “Amor de xodó tem visgo...”

– Ah, ia ser um saco! – Murmurou para si mesmo. E em seguida, antes de abandonar o quarto, considerou de seu dever dar quantia maior a título de pagamento... Deixou cair duas cédulas de cinqüenta em cima da mesinha de cabeceira. Atitude justa, ia pensando, pois de um modo ou de outro tomara o tempo da criatura.

Ainda procurava palavras para consertar a despedida quando Senhorinha, inesperadamente ativa, endireitou-se na cama, espertada. Falou ousada:

– Meu Senhor, antes de me deixar, é bom ouvir. Nos últimos anos, por volta de dez, fui inteiramente sua. Fingi muitas vezes andar com outros, mas mentia. Queria lhe fazer ciúme... Esse tempo todo vivi só do que o Senhor botava em cima da mesinha... e do dinheiro que ainda hoje recebo pela arrumação da casa da patroa. Me deitava aqui como sua mulher... Inteiramente sua... Está escutando?

Não, não queria ouvir mais nada. Aborrecido, o homem tratou de sair daquele ambiente que o sufocava. A impressão é de que Senhorinha o chamava.

Já ia distante do quarto, caminhando pelo corredor, quando entreviu o vulto da mulher em seu encaço. Foi o que aconteceu. Não para abraçá-lo, cena que teria adorado...

Muito surpreso; assistiu à mulher, estabanada, meter-lhe na mão o dinheiro largado na mesa, enquanto, de voz firme, explicava:

– Não precisa pagar, hoje. O Senhor nem me usou. Em casa, na solidão do quarto, não conseguiu dormir. Abriu a janela, que dava para a rua, a ver um ou outro amigo retardatário ajeito de galhofa indagar-lhe em alta voz: – Pensando no casório? Amanhã, o noivado?

Enfardado, insone, fechou a janela. Tomou água com açúcar para acalmar os nervos. Depois, sem saber o que fazer, foi deitar-se. Ouvia o relógio da igreja bater a meia-noite.

E a pouco e pouco compreendeu que o sono ia chegando, e já não era sem tempo.

Estava se sentindo mais aliviado. E na verdade certo de não noivar, como ajustara...

A escurecer esse dia que começava, por volta das sete horas iria mais uma vez à casa das “meninas”.

Ninguém pensasse coisas a seu respeito. Estaria lá apenas para devolver o dinheiro à Senhorinha. Não era mesmo dela?

Era, por isso ele ia voltar, não queria nada, mas nada mesmo, daquela mulher.

DOIDICE DE
AMOR

Custou a descobrir: carregavam-no qual fardo fosse, algo imprestável e desse modo jogado em fundo de rede. Custou a perceber: quatro os homens que o levavam se revezando, e parando quase todo tempo ora para o que falava, de voz estralada, pudesse fumar; ora para um segundo, o mais inquieto do grupo, corresse ao mato, a verter. Davam-se na marcha, a todo momento, inesperadas interrupções, enquanto ele, náufrago de insólita tragédia, mortalmente ferido, esforçava-se para compreender o que havia acontecido, que rede era uma em que ia, e porque paravam tanto depositando-o como se trambolho fosse sobre calçadas ou beira de estrada. O pior, dava para perceber, a presença de curiosos obstinados, pedindo:

– Abram as varandas da rede, quero ver como ele está. Mais adiante, sem acreditar, mulher indagava: – O sangue é todo dele?

O homem de voz estralada, aborrecido, respondia a debicar: “Então, por acaso sou eu o ferido?”

O mundo todo, como se combinado, vinha cobrar as mesmas explicações. E os responsáveis pelo transporte da vítima iam repetindo a cada passo: sim, tinha sido cena de sangue de meter medo,

quando o marido da mulher bonita resolveu repelir bravamente o assédio do conquistador.

– Acionou o gatilho duas ou três vezes, pei-pei-pei. Aí o resultado, o atrevido arruinado, e eles, pobres trabalhadores de ganho curto, fazendo força...

Ninguém deixava de se acercar, para pedir:

– Por favor, arreda as varandas, quero ver.

Depois de muito tempo, minutos e minutos corridos, a criatura largada da rede descobriu o sangue brotando do corpo, algo viscoso, grudento.

Tentou mexer o braço na intenção de perceber de onde minava aquela gosma, se escapava da cabeça dolorida ou do peito dilacerado.

Em vão. Na verdade aí começou a entender: o haviam acertado com dois tiros.

Fazia tempo? Uma hora? Vaga lembrança, tinha.

A se aproximar da casa aconteceu um clarão que custou a entender não ser fogo de artifício... Ainda sem saber o que sucedia, e novamente outro rãção de luz, e, em ato contínuo, o tremendo impacto no ombro direito.

Foi bater, ele rodopiou, indo estatelar-se de cara, a deslizar no cimento caraquento da calçada... E sobre o que restou do clarão, dos estampidos, a voz revoltada (do marido dela, a toda certeza!), a proferir ordem cruel, oprobriosa.

– Retirem esse canalha daqui, de diante da minha porta. Arranjem uma rede, carreguem essa praga pra bem longe de minha vista!

Há quanto tempo fora aquilo? Novamente se interroga sem resposta. Mas sabe com alívio que ainda está na sua mão, de pouco movimento, o bilhete da mulher, um sofrido apelo angustiada, para que a fosse tirar da prisão em que vivia. “Venha, venha me buscar! Se gosta de mim, não me abandone! Venha! Não suporto viver longe de você.”

Preso estivesse, romperia as grades mais fortes do mundo, para atendê-la! Por isso decidiu ir ao encontro que ela sugerira, lendo e relendo o dramático bilhete.

E agora? O cortejo estacou mais uma vez. Novamente o homem de voz estralada querendo fumar em paz, enquanto um terceiro ia explicando:

– Muito bem feito o que aconteceu. Devia ter recebido mais bala! Homem que bole com mulher dos outros, acaba tendo o que não quer! A mulher tinha dono, nem ligava pra ele.

E agora?

Mexendo os dedos, começou a lutar com as derradeiras forças que o animavam para esfacular o bilhete, torcendo para que o sangue da cabeça, e agora sabia que vinha da frente, – descendo, escorrendo do ombro para o braço –, fosse empapar o papel.

– Que cabra sem respeito! – comentou voz indignada.

A mesma história de sempre! A senhora vivia sossegada em casa – contava outro carregador – quando esse inxerido foi-lhe arrastar a asa. Tem mais. O marido já informado, estava preparado. Foi só o atrevido aparecer na frente da casa, chamando o nome da mulher, ele não contou até três... Descarregou a boca de fogo que tinha guardado, pei-pei-pei...

– É por contrato que vão carregando o homem?

– Estamos futurando... Vamos para a casa da mãe dele. Mulher decente, rica. Certamente nos dará um agrado pela obra de caridade que estamos fazendo...

O carregador, que tinha se ausentado, ainda fechando a braçadeira, opinou:

– A gente está perdendo tempo. É fechar as varandas, tocar pra diante.

Houve protestos.

A senhora idosa queria ver de perto a fisionomia do conquistador. Dizia: “Um homem desse é mesmo um monstro”.

“– Ninguém não abre mais a rede...” – Sentenciou o carregador de voz estralada.

– E se eu pagar? Posso ver? – indagou outro curioso.

A rede já estava sendo erguida, atados os punhos à estaca de sabiá, baixou novamente ao cimento da calçada.

Cidadão caridoso protestou:

– Isso é perversidade! Vocês não têm coração!

Ou porque fosse exaltado o tom de quem falara, ou por razões de consciência, os quatro carregadores reiniciaram a marca, mas resmungavam.

Atrás seguiam umas tantas pessoas, e para surpresa de todos, mulher gorda, de voz enlgrimada, que viera juntar-se ao bando, puxou um terço em voz alta. Foi a vez do cidadão, bem pensado, sugerir:

– Reze em voz baixa, mulher! O homem é um monstro, mas não merece que o agouremos...

O sol consumira os últimos clarões do dia. E talvez por se avizinhar a noite, o cortejo a cada passo diminuía, desfalcado de acompanhantes.

Não demorou, já a seu término reduzia-se a uma dúzia de pessoas. E estacou diante da casa que demandavam, prédio antigo, solitário, plantado em jardim de dalias murchas pela ardência de áspero verão.

Com suspiro de alívio, o de voz que soava estralando comandou o último movimento do transporte que acabavam de fazer.

– Pronto, aqui a parada final. Estavam todos silenciosos, homens e mulheres, a aguardar o derradeiro quadro do drama, o grito desesperado, de amarga surpresa, e choro, que nessas horas não se derrama, estilhaça-se.

Ninguém desfitava o casarão onde alguém, a esse momento, à janela de larga varanda, depois de articular o postigo a modo de sobrosso, tentava apreender o que queriam à sua porta aquelas pessoas perplexas e entristecidas.

Quando os carregadores abriram as varandas da rede para a senhora do postigo ver o conteúdo, o homem que ali estava não existia mais.

Nem as mal traçadas letras de mulher apaixonada, mensagem explicativa mas comprometedora, papelucho afinal diluído em sangue.

Em sangue dele, vivo de amor.

A
FESTA DO
CASAMENTO

Maria Clara acabou de ler a carta que a mãe enviara, e não pensou duas vezes: “Não, não ia deixar de estar lá!” As linhas contavam: no feriado próximo, a ocorrer daí a dois dias, irmã caçula, aprendida nos bons ofícios da religião, subia ao altar... de véu e grinalda, casamento seguido de animada partida de dança para os amigos, que o futuro marido, tocador de cavaquinho, entestaria animado grupo de músicos, cada qual senhor de um instrumento. O conjunto assim formado desejava alegrar os convidados, a festa programada logo voltasse o, casal da igreja, não esperado o final dos cumprimentos.

Pelas quatro da tarde... Sim, Maria Clara não podia faltar. E sem ver para que princípio a cantar, o que fez com que as três amigas freqüentadoras do Oitão Preto, casa de recurso da boêmia da cidade, viessem saber que alegria era uma, se porventura acertara os treze pontos.

– Casa-se minha irmã, a última da ninhada de minha mãe, grande parideira. Está dito aqui – exhibia-lhes a carta –, e as outras minhas

irmãs, oito, estarão presentes... Posso faltar? Nem obrigada a empenhar o relógio! Vou dar jeito de não perder essa comemoração.

– Nem lhes disse ainda, continuou, mas conto agora: após o casório vai ter arrasta-pé animadíssimo, o próprio noivo, já marido, comandando a banda.

– Você vai? E nós? – Mas é longe...

– Daí? Aluga-se carro. Concertaram a viagem ali mesmo, cada uma anunciando o traje imaginado para a cerimônia. Em verdade, havia certo problema, uma delas lembrou: não se vestiam com seriedade há anos, pois só usavam roupa de malha, das que o corpo entrava difícil mas destacava os atributos físicos mais atrevidos, peitos principalmente.

Vestido na acepção da palavra, como todo mundo usava, a aba da saia descida e decote discreto, era coisa que não viam fazia muito tempo. E então? Maria Clara lembrou. Havia a Dindinha, costureira capaz de fazer milagre com qualquer metro e meio de tecido infestado... Acudir-se-iam dela, sem dúvida.

– É pra já.

E assim foi. Quando amanheceu o dia aprazado para a partida em direção ao sertão, – postaram-se as quatro à porta do Oitão Preto, deixando a quem passasse àquela hora admirado: “Gente, o que está havendo com as mulheres daqui?”– diziam. Tudo isso as fazia rir, pois tanto Maria Clara como Georgete, Madalena e a Rosali sentiam-se como se outras fossem, e desse modo voltando aos bons tempos passados, quando ainda as requestavam os rapazes e uma ou outra andou perto de casar.

Partiam agora? Partiam.

Entraram no jipe contratado para levá-las, negociação arrastada por quase uma hora e só concluída com êxito em razão do motorista aproveitar para matar as saudades, a visitar a genitora em cidade vizinha.

As horas da viagem transcorreram agradáveis, embora o veículo não fosse confortável, e de espaço reduzido para acomodar as

passageiras que se arrumavam como a passeio pelas dunas de alguma praia.

Já apeadas do jipe, diante da casa da mãe de Maria Clara, começaram a entender: ainda que não pretendessem despertar atenção, tornavam-se ponto de convergência de todos os olhares, principalmente dos homens.

A dona da casa veio receber a filha e as amigas, anunciando em voz alta “era aquela a Maria Clara, que vivia muito bem empregada na capital e chegara acompanhada das companheiras de escritório.”

Entraram as criaturas se anunciando famintas; comeram uns sanduíches, enquanto Fabiano saía para procurar o posto de gasolina, reabastecer o carro.

Advertidas de que o casamento seria daí a mais alguns minutos, apressaram-se. Galhofeiras seguiram as quatro para o banheiro, para fazer xixi, retocar a pintura. Mas já aí se metiam em apreensões, a entender que não tinham causado boa impressão às pessoas, pois não se afastava de cima delas o olhar investigador dos convidados, e mais a face carrancuda de algumas senhoras. Por isso, cada uma a seu modo tratasse de ajeitar o vestido, descer mais a saia, se possível até encobrir a cabeça dos joelhos... E nada de carregar a mão na pintura...

– Ruge, só a sombrinha... Maria Clara recomendava:

– Gente, nada de exagerar o batom... Por favor, esqueçam o roxo.

E depois de momento, corrigindo a avaliação das colegas, mais de longe: – Puxem bem a saia para baixo... O da Georgete continua sungada.

Voz de mulher, do lado de fora do banheiro, alertou: “é hora, gente!”

Os noivos já estavam seguindo a pé até a igreja, perto. Atrás, os convidados em cortejo. Maria Clara, Madalena, Georgete e Rosali permaneceram fora do templo, a pretexto de que com a presença de tantas pessoas o calor ficara insuportável.

Tudo, até então, decorrera como organizado pela família. O padre tomou pouco tempo, e na verdade se apressava em razão de

outro casamento, adiante. Assim entre o cortejo do casamento sair da casa para a igreja, e voltar, não demorou meia hora, fato a agradar a todos, pois o noivo depressa cobrou o cavaquinho e a presença dos amigos para improvisar a orquestra.

– Esse meu marido é muito doido! – comentou a noiva. Quando serviram as primeiras bandejas de cerveja e guaraná, as cadeiras da sala e do quarto já afastadas, as danças começaram.

Pelas sete da noite surgiam as primeiras esposas preocupadas com os maridos, e havia mulher aconselhando a dona da casa:

– Era bom não demorar muito essa festa!

D. Neuzinha dizia: – Que se fazer, gente? O marido da menina, quando dá de tocar, não quer mais parar.

Certo, viam todos. Maria Clara, muito requisitada, não parava de mudar de par. Georgete adorando, conquanto reclamasse a constante troca de parceiro, cada qual mais ousado, a apertá-la forte contra o peito. Madalena, sem saber como, a dado momento descobriu o decote da blusa aberto, o busto generoso fluindo dele.

Menos afortunada a Rosali. A moça, voltando do banheiro, pisou em cãozinho zangado, que se lançou a ela, ameaçador:

– Meu Deus, a cadela me mordeu!

Sentaram-na em cadeira de cana-da-índia, e alguém considerou superficial a mordida, não mais que um arranhão... Vinha a calhar a esfregada com cachaça no lugar, santo alívio...

– A senhorita permite?

Permitia. Queria livrar-se da curiosidade e do vexame a que se expunha, e retomar à sala das danças.

Não tardou, parecia voar rodopiando nos braços de um e de outro, os casados agora querendo saber como se sentia, se a perna doía...

– Não, não doía... – passou a repetir o tempo todo.

Depois da meia-noite, Maria Clara foi procurada por Georgete, aflita:

– Criatura, o noivo da tua irmã está no meu pé o tempo todo... Já não sei o que fazer.

- Tenta se livrar dele, mulher! É não dá confiança!
- Cochichou no meu ouvido que vou para cama com ele...
- Assanhamento tolo.

Já pelo amanhecer, terminou festa. Os homens pareciam todos não só excitados mas tomados de bebida e a teimar em altas vozes com as esposas, pretendiam a qualquer preço prosseguir a patuscada.

A mãe de Maria Clara, muito constrangida, acudiu a sugerir à filha levar as amigas dali, pois os machos davam impressão de ver mulher pela primeira vez. Acrescentou apreensiva:

- Estou temendo problema sério.

Suspenso o toque, não faltou quem viesse pedir demorassem as convidadas como hóspedes o tempo que desejassem. A cidade oferecia muitas atrações, tinha banho de piscina na quadra do serviço comunitário... Passeio pelos campos...

Não, impossível ficar, iam se esquivando, tratando de sair. Assim, a muito custo conseguiram entrar no jipe, Georgete a apressar o motorista, agoniada:

- Ligeiro, seu Fabiano. Ligeiro!

Voz de bêbado comandou: – ninguém pode perder esses pitéus! Atrás delas, pessoal, vamos na minha camioneta... – É agarrá-las! – gritou outro.

O jipe de máquina ligada, partiu rápido, com Maria Clara insistindo.

– Não diminua a marcha, seu Fabiano. Aquele que falou é capaz de qualquer doidice. Pode até açular os outros em cima da gente!

O carro deixou a cidade em viagem de regresso. Na estrada, em dado momento, Madalena gritou assustada:

- Estão atrás de nós!

Pelo retrovisor o motorista confirmou:

– O carro é azul, tipo çaçamba, cheio de homens em cima. Vêm gritando para que eu pare a máquina... Acendem e apagam os faróis... Obedeço?

– Negativo! Empurre o pé no acelerador.

Por desígnio da providência, imaginou Maria Clara, a camioneta foi ficando para trás, enguiçada ou por desistência do guiador.

Mas adiante, uma hora ou mais de viagem, à margem da rodovia apareceu um cidadão gritando a acenar um pano encarnado, como se quisesse detê-las ali.

O motorista ainda perguntou: – Passo devagar, d. Clara?

– Nada. Sei lá se não é combinação para breca a gente?! Vamos em frente.

Ultrapassaram o homem do pano encarnado, na maior galhofa, atirando-lhe gracejos:

-Arreda, palhaço! Papangu!

Mais uma hora decorreu. Já perto da capital, Fabiano advertiu às suas passageiras:

– Agora o jeito é parar. Barreira de trânsito, polícia rodoviária.

– O que querem da gente?

– Fiscalização de documentos, carteira de motorista, licenciamento do carro... Vamos obedecer, a barra aí é pesada – explicou o motorista.

Mal estacionou o carro, pressuroso aproximou-se o chefe da fiscalização:

– Estão vindo do casamento?

Maria Clara explicou, a confirmar: – *e foi muito bastante divertido. A gente dançou à noite toda...*

Com ar sério, nada acolhedor, o policial perguntou:

– Viram um carro azul atrás de vocês? Viram depois na estrada o homem acenando com um pano vermelho? Viram? Sei que viram. Não são cegas! Tudo isso e mais o trabalho que tive, já parei mais de cem carros, pela irresponsabilidade de vocês! É coisa que se faça?

Diante das mulheres assustadas, prosseguiu:

– Mesmo antes da festa do tal casamento acabar, o cãozinho da mulher do prefeito tinha mordido dois meninos, duas mulheres e

o varredor da rua – Alteou a voz – Foi morto a pauladas... Doido! Doido!

– Ai, meu Deus – gemeu Rosali. ...: Ele me pegou também!

– Pois é, a senhora tem de ir logo ao primeiro posto de saúde quanto antes! Isso que o pessoal do carro, o homem do pano vermelho, tentava avisar! Porra! Agora se prepare para começar a tomar as injeções que aplicam na barriga... Doze, quinze, vinte! Bom que fossem mais de cem!

Aborrecido, cansado do trabalho tido até ali por causa dela, foi levantar o pau da barreira deixando livre a estrada.

O jipe então deu de marcha. Mas agora carregava quatro mulheres desconsoladas.

0
FILHO

A mulher entrou na casa com a intenção de verificar se ia tudo bem com a vizinha. Andava preocupada, e isso não podia de modo algum dizer, a perceber na outra o peso dos anos, ao redor de oitenta, e ali auxiliada apenas por esperta mocinha a bem dizer meninota, que, como apregoava a patroa, sabia arrumar as coisas como gente adulta, e até bastante aprendida em manejar as caçarolas, a improvisar pratos na cozinha.

– Também dou nenhum trabalho, sou quase um passarinho pra comer.

– E seu filho, o que sempre vem lhe ver? Faz tempo não aparece, não é, d. Letícia?

– Ah... – Pelo menos todo mês estava aqui. .. – Verdade... Mas ocorrem atrasos. O patrão é homem muito exigente. Me falou isso mais de uma vez, insatisfeito.

Daí não poder amiudar as visitas, e quando vem, tem de ser em corre-corre de dar pena, reclama muito. Nessa última visita, de-

morou só alguns minutos, mas me deixou uns bons trocados, graças a que vou conseguindo viver.

– Não escondo. Fiquei pastorando essas últimas noites, a ver se chegava. Como não apareceu ninguém, pensei comigo mesma: “será que o filho dela adoeceu?” Então, me desculpe, achei melhor saber o que estava ocorrendo, se a senhora não carecia de alguma coisa...

– Deus lhe dê muita vida, minha filha! Ah se toda pessoa fosse assim!

A outra ainda tinha dúvidas:

– Nada de se acanhar. Se se sentir precisada de qualquer coisa...

– Imagine a bondade! Ah criatura boazinha! Muito obrigada, santinha de meu coração! Torno a repetir: estou bem, bem servida. E grata. Olhe...

E para comprovar, tomando a outra pelo braço, instou-a a acompanhar.

– Venha ver com os seus próprios olhos.

Estiveram na sala de jantar, no quarto e logo foram para a sala. Tudo bem arrumado, dava gosto ver; cortinas, tapetes ao pé da cama... O oratório, de cedro, tinha imagens vindas de Portugal.

Desceram para a sala pelo corredor, as paredes forradas de papel em tom azul.

Pararam ali, onde se penduravam os retratos da família, o que ela desejava mostrar. Retangulares os quadros; num ou noutro viam-se dispostas quatro a cinco fotografias de ocasião, obtidas certamente há anos. Em alguns desses flagrantes sempre a figura de moço apessoado, a abraçar a dona da casa.

– Eis aí a minha preciosidade, meu varão ilustre! Não é uma belezinha?

A vizinha aquiesceu mais por delicadeza, pois na verdade não havia como distinguir bem as feições do moço e opinar de modo próprio.

– Viu o meu Romário alguma vez?

– Não, nunca – respondeu. E comentou incidentalmente: – Não vem sempre à noite? Nessa hora é difícil, estou atuando de mãe de família, a servir o jantar ao marido...

Escondeu que em alguns momentos acudiu-lhe a vontade de deixar a mesa, ir até a porta da rua tentar ver o filho da vizinha...

– Que idade tem ele? – O mês passado festejou cinqüenta anos.. Até comen- tei: “Menino, largue o patrão ranzinza, venha morar com a sua mãe...” E acrescentei sabendo que ele não ia gostar nada: “Esqueça aquela mulher...”

Calou-se. À menção desse fato, fechou a cara. O assunto, a toda certeza, desagradava-a fundamente. Passado breve instante, confessou:

– Quero desabafar, a senhora me merece. A meu ver a união do meu menino, nem sei como mencionar, um passo errado. Conheceu a mulher, faz pouco tempo, coisa de cinco anos para cá... Não gosto nada do jeito dela! Eu...

Interrompeu o raciocínio, incontentada, visivelmente angustiada. Mas “em consideração”, voltou a repetir mais uma vez, não podia omitir os sentimentos. Não simpatizava a tal criatura. Mulher com jeito de homem até no corte do cabelo. Acrescentava: “fuma como desesperada!”

A vizinha não se conteve:

– Tem bom relacionamento com ela?

– E me quer ver? Imagine só! Toda vez que vem acompanhando meu filho, fica encostada no carro, do lado fora na calçada, toda debochada... Na mão, já viu: o cigarro, a fumaça no mundo!

Parou outra vez antes de continuar:

– Detesto o cheiro de cigarro dela! Enjoativo... O vento às vezes tange a fumaça para a sala, me incomoda. – E depois de uma pausa – Casamento é sina, vem do berço... – São casados?

– Deus me livre! – E corrido um momento, embevecida a olhar e ver o filho nas fotos e a cobrar a avaliação da outra: – Não é bonito o *meu* Romário? Fale. – Um rapagão...

Disse, e perguntou:

– Me satisfaça a curiosidade: por que só aparece de chapéu?

– Ah, não larga... Mania mesmo! E o enterra bem na cabeça...

Certa vez reclamei isso, e me respondeu que era por causa da pele do rosto. O sol da manhã já o incomoda... Ah, tem alergia... Daí se acostumou. Para onde vai, ainda que de noite, não larga o chapéu de massa... Ah, o pai dele era igual. A senhora se lembra do tempo em que as pessoas usavam o chapéu do Chile?

– Não, não alcancei a época.

– Bonitos eram! Tanto os de massa como os de palhinha, do Chile.

– Devia ser elegante os homens passeando de chapéu! – Muito, mas muito!

Reparando o adiantado das horas, a outra disse:

– Olhe, já tornei bastante tempo da senhora. Estou mais tranqüila, pois acabo de ver que vai tudo em ordem... Não lhe falta nada! Feliz, estou me despedindo...

– Não, não! Espere um pouquinho... Quero que veja como meu filho me trata. Não me falta nada! Como ganho presentes bons! Olhe o tamanho do aparelho de televisão, até exagerado pra mim... Por último me trouxe um forno microondas, digital.

Depois de rir com certa inocência:

– Não fosse a menina apertar aqueles botões, não me animaria a mexer...

– Mais uma vez meus parabéns. Mas tenho de ir para casa, cuidar das minhas obrigações.

A mulher queria retê-la a qualquer custo:

– Ah, gostei tanto! Demore um bocadinho. Vivo sozinha... Vem tão pouca gente aqui em casa!

– Obrigada, me sinto muito feliz por sua atenção, mas não esqueça: não se canhe de me chamar pela menina...

– A Margarida...

– Pois então? Despache a Margarida com um recado e não demoro estar aqui.

Daí a alguns dias a vizinha, quando assistia ao programa de televisão, na sala de sua casa, ouviu um carro estacionar quase sem ruído rente à calçada. Apressou-se em olhar pelos postigos, na esperança de ver o filho de d. Letícia.

Era. E lá pôde divisar a tal mulher parada ao lado do carro, mas não derreada. Parecia mais em posição de quem se punha de vigia, impaciente a se movimentar atenta para ambos os lados a medo de ser importunada por alguém. Houve momento, notou, em que a criatura a perceber a aproximação dos vigilantes da ronda, entrou no carro fingindo procurar algo no porta-luvas.

Depois que os policiais passaram, voltou a ficar em pé na calçada, a dar a mesma impressão de estar intranquã. Nesse instante voltou a consultar o relógio de pulso, como se ainda pudesse esperar mais alguns minutos. Depois apertou sutilmente a buzina do carro.

Não demorou o homem surgiu à porta da casa. Despedia-se da mãe. À mulher, que já se acomodara no banco da frente, diante da direção, informou:

– Mamãe está lhe desejando muita felicidade. Logo se enfiou no veículo, ao lado dela, e o carro deu de marcha, e se afastou vagaroso; os faróis apagados.

Passado mais um mês sem receber notícias do filho, d. Letícia começou a se preocupar.

Chamou a vizinha solícita, e confessou em que situação se achava, sem saber o que fazer. Graças a Deus, o que lhe compensava, podia dispor da pensão do marido, algo a lhe garantir a sobrevivência, não com o mesmo padrão até então desfrutado pela ajuda do filho.

– Tenho de encontrá-lo. Quem sabe se não adoeceu? Não está hospitalizado? Ou viajando com aquela mulher?

– Posso acompanhar a senhora até os hospitais – ofereceu-se a vizinha.

Deram de sair as duas às Casas de Saúde. Foram bater às portas da Santa Casa de Misericórdia. E à conta de exagero, pois tudo podia acontecer às criaturas, foram se informar junto ao Instituto

Médico Legal. Admitiam a possibilidade, pouco provável, de algum acidente. O mundo – consideravam as duas – andava tão cruel, tão cheio de surpresas!

Em nenhum desses pontos conseguiram obter notícias de animar.

Mas a peregrinação já bastante exaustiva pelos hospitais continuou por mais de mês, sem resultado. Em rigor tudo em vão. Abrira-se o chão; o homem desaparecera sem deixar pista.

Foi quando d. Letícia dispensou os favores da amiga. Encoberia o que desejava fazer daí por diante, e por isso dava por terminada a procura. justificou-se:

– Não é a primeira vez que isso acontece. Mas era. O filho podia demorar mais de quinzena, e antes de completar o mês, aparecia trazendo-lhe dinheiro e presentes.

Mesmo – d. Letícia insistia – já havia dado bastante trabalho e incômodo. No entanto, bem no fundo do coração, surgia-lhe agora a dúvida de que o filho, certamente por causa da megera que escolhera para companheira, tivesse se exposto a algum tipo de complicação com a polícia.

Passou a ir às delegacias, às duas que funcionavam na área da cidade onde morava, a cobrar informações sobre o paradeiro do filho. Permanentes, escritvães e os próprios' delegados, acolhiam-na com extrema boa vontade, sentindo pena dos cuidados que a coitada, naquela idade, enfrentava.

Sentavam-na diante deles, e nessas ocasiões serviam-lhe café e até biscoitos. E quando o trabalho diminuía, distraíam-se com as histórias que éla sabia de cor sobre o filho, fatos sempre muito distantes, de infância que parecia ter sido também a deles..

Passados mais alguns dias, a mulher compreendeu que lhe restava só paciência, e esperar. Parou de sair, mas assim mesmo vez por outra mandava a Margarida saber notícias aos hospitais, às delegacias..

Até mesmo essa providência, mais por diante, esmoreceu, e já por último a mocinha dava a volta pelo quarteirão, a demorar diante das vitrinas, e voltava sem informação que contentasse a patroa.

– Nada?

– Nada... nada mesmo!

Assim o ano transcorreu, e já em curso os dias de outro. A empregada ficava em casa, enquanto a dona da casa, consciente, sabia que só lhe restava aguardar. Deus era grande. Era.

Dia veio quando alguém, pelas dez da noite, bateu à porta.

D. Letícia estava deitada mas levantou para ver quem a procurava. Ao abrir a porta, o filho.

Não parecia alegre, feliz, como das vezes anteriores. Tinha as feições amarguradas. o semblante realmente triste...

Viera só. Não havia carro lá fora. Nem a mulher estava com ele...

Só depois de sentar, como se acabasse de sair de grande provação, a mãe mais atenta à sua presença, curiosa indagou:

– O chapéu... o chapéu, meu filho... – Sim, o chapéu...

Vendo-se a si mesmo nos retratos da sala em que aparecia de chapéu, levantou-se, e começou a recolher os quadros.

– Abusei o chapéu, nem gosto mais de ver.

De manhã, ele ainda dormia, quando a vizinha veio bater à porta da casa de d. Letícia. Estava apreensiva, tomada de idéias, nem era bom dizer. Por isso queria saber se o sr. Romário havia aparecido...

– Chegou ontem... Ainda está dormindo.

– Que bom! Queria só lhe contar o que vi pela televisão de manhã. Morreu uma mulher assaltando um banco...

– Como? Me diga os detalhes...

E a vizinha foi contando como o assalto ocorrera, a violência contra os clientes que estavam sacando dinheiro, a ação da polícia, o tiroteio... A morte de um dos mascarados: mulher.

Só não contou que fora mais um assalto do “Homem do Chapéu”.

O BOI FUJÃO
OU O VAQUEIRO EM
DESVENTURA
MAS VENTUROSO

Tudo começou não prometendo muito e acabou em longa, estranha e divertida história das que não se ouvem mais, porque já não acontecem nos sertões. O vaqueiro entrado nos vinte anos, quando se iniciam suas desventuras, meio desconsolado monta o cavalo de sua afeição, atento em ouvir as ordens do patrão. O que não devia acontecer, percebe, acaba de suceder. O touro mais esperto do curral, cobridor de fêmeas lascivas, furou a cerca, e escapou. Em outras palavras: fugiu.

Enquanto o patrão discursava a seu modo, em breves paradas no curso das explicações, para sentir na boca a mecha de fumo que masca, o empregado em hora de partir compreende afinal que touro igual àquele jamais se criou no lugar. E como insiste o dono da fazenda, em sua peroração, urgia alguém forte e disposto ir atrás do animal, trazê-lo obediente à sua morada.

Dizer agora que o vaqueiro se chama Jesuíno, não acrescenta muito. Na verdade, o empregado está desesperado por saber que

aquela de o fazerem correr o mundo, é artifício de pai que não quer a filha casada com um simples laçador de boi.

Triste do nosso herói nessa hora; e aqui não cabe dizer meio triste, pois o rapaz acaba de perceber: a moça, enlgrimada, olhando-o furtivamente na janela do quarto, também descredita no ditado: “Longe da vista, perto do coração.” Àquele momento, já os namorados estão conscientizados de que a possibilidade de casar se esvai.

A iniciativa se impõe – grita o patrão –, mandar a campo o seu vaqueiro mais destemido, capaz de percorrer o mundo, se necessário, subindo e descendo serra, comendo, passando fome, contanto pudesse o mais depressa possível restituir-lhe o touro de estimação. De prêmio, admite, pode até fechar os olhos ao namoro da filha.

– Se é assim... Não havendo mais o que ouvir, nem a que responder, reconheceu conformado o vaqueiro ter soado a hora de partir, aproveitar o dia amanhecer.

Assim, exatamente desse modo, o triste e bastante desconsolado Jesuíno, sempre vale repetir, endireitou o passo da alimária para longe daquela arenga e se foi afastando da fazenda, sem ao menos olhar para trás.

Não se queria fraco, e fraco era como todo apaixonado sonhador e sincero. Mas jurou para si mesmo só regressar puxando ou tangendo o maldito touro, em hora de ser premiado com a mão da namorada.

Andava o mundo àquela hora por bons tempos; terminara a seca do 15; estava se iniciando 1916.

Voltara a chover e, ressurrecta, a terra reverdecia em todos os lugares onde já fácil deparar os campos verdejantes a incentivar o gado ao pastejo. E de vez em quando davam-se clarões pelos céus, inesperados relâmpagos precedendo a ruidosos trovões. Por diante entenderiam as pessoas, anos depois, muito difícil esquecer esses dias molhados, vagarosos e tristes, quando até em fins de outubro havia rios correndo intumescidos.

Jesuíno andou, andou. No primeiro ano foi a todos os vãos e desvãos da caatinga e a sítios apontados pelos informantes de feiras como prováveis refúgios de animais desgarrados.

Caminhou subindo e descendo serras, como queria o patrão, e desandou por serrotes por onde antes nenhum caçador visitara. Grim-pou os lajedos e montanhas de pedras faiscando ao sol. E atravessou rios. que desciam roendo pela beirada as margens sufocadas de matinhos verdes. Acordava com o cantar dos galos; dormia ouvindo as sariemas anunciando chuva, pelos baixios.

Em algumas fazendas foi bem recebido. Noutras, corrido por cães agressivos e não de raro ataçados por vadios.

Partia cedo do lugar em que pernoitava, a não querer perder tempo. Assim viu passar mais um ano em peregrinação fastidiosa, até que um dia, sem menos esperar, deram-lhe a primeira boa notícia. Pastava na redondeza um bicho manhoso, arisco, os traços da rês perdida; ia às vezes beber afoito nos tanques das fazendas, assanhado, a cobiçar as novilhas em viço.

Foi na direção sugerida, animado pela conversa.

– Verdade. Anda por aí um touro bem parecido com o da descrição do senhor... – diziam-lhe.

– Reparou o rabo? A saia branca?

– O bicho passou ligeiro, um foguete! – Era mesmo preto ou fusco?

– Estou em dúvida. Quanto à estrela, não sei... – Deve ser ele – apostava.

Moveu a montaria até se internar na mata. Quem sabe se não estaria mesmo perto de encontrar a preciosidade do patrão? Como dera de suceder das outras vezes, não era exata a informação.

– Tudo diferente, moço. O animal que andou aqui, nós mandamos direto para o matadouro.

– Tinha estrela branca na testa? – Nem estrela nem rabo.

Passou adiante, estacionando ora aqui, ora ali, sempre para a frente, a se alugar para laçar boi, em troca de um dinheiro qualquer,

e não raro por prato de comida. Em marcha ou parando, os dias passando, voaram.

Assistiria à entrada de novo ano, o terceiro ou quarto, agasalhado em soturna varanda do casarão de conhecido coiteiro, que o advertiu:

– Cuidado. Lampião anda perto.

– Já estou aqui, não vou correr. Quero só pegar o touro.

– Mas esse boi, desculpe, esse seu touro de estrela branca, não tomou pra cá.

– Puxe pela lembrança...

– Na verdade houve o caso de animal com esse retrato, mas correu doido. O tal boi...

– ... touro – corrigiu o vaqueiro.

– Seja como for, o bicho ficou doido.

– Como doido?

– Doido! Esperneava, saltava, dava pinote, e babava... Doido, homem! Quando menos a gente esperou, o desgraçado saiu coiceando, urrando, querendo morder as pessoas.

– Quem faz isso é cachorro.

– Mas ele fez. A ossada ainda está onde o abateram a tiros de bacamarte. Não tinha estrela na testa, não, só um risquinho de nada. A saia, não sei não.

Jesuíno dormia pouco, e ao acordar via muitas vezes o touro dentro do quarto, a cabeça afrontosa se lhe metendo na rede... Não mais sabia o que fazer, nem para onde ir. Passara a só colher desenganos, como ali, a ouvir o velho de olhar desconfiado contar as estripulias do boi correndo como cachorro doido.

Embora assim, não ia desistir.

Veio dia em que velhota falante se meteu na conversa dos homens. Contou que na aba do serro te chamado do Bolo, demorava espartíssimo touro a ameaçar desprevenidos.

Foi até lá, para conferir. Perdeu a viagem. Que tempo esse?

Começava um outro ano, pois voltara a chover depois de longo verão.

Sem maiores novidades, sempre a visitar vilas e cidades, alcançou dezembro, de mãos abanando. Talvez os próximos dias.

Vieram, e também se acabaram.

Como os de antes foram-se os novos dias do quarto ou quinto ano.

Em 1921 teve duas notícias: a boa- não havia mais seca nos sertões... A má, a filha do patrão se casara numa festa iniciada de tarde e que se prolongou até a madrugada do dia seguinte. Não queria acreditar!

O informante, caixeiro-viajante de todo respeito, estivera lá para vender chapéu do Chile, e califon. Ali, em meio de tanta alegria, contou que em dado instante viu a moça chorar com saudade do vaqueiro que partira havia mais de anos, e talvez estivesse morto. Mas o pai, falando alto, a interesse de todos que o ouviram, explicou:

– Jesuíno não morre fácil. Saiu vivo, vivo vai voltar tangendo ou puxando o touro pelo cabresto. Só aguardo esse dia, esperada hora de grande novena. No último dia, respeite a festa de comemoração.

Nisso o caixeiro-viajante parou, e reparando o rosto do outro, indagou penalizado:

– O senhor está chorando? – É nada não, foi cisco no olho... Passou a noite em claro, torcendo para o dia amanhecer. Magoado, às lágrimas.

De manhã, deu graças a Deus quando montou o cavalo para prosseguir a corra pela aba do serro te, onde diziam acoitados uns bois sem dono.

O tempo todo o pensamento na filha do patrão, a imaginar coisas e idéias de apaixonado. Sim, podia até acontecer do marido dela, ia pensando, enquanto ele pelejava pra encontrar o touro, morrer de uma hora para outra. Aí sim, melhorava demais, pois a tornar de volta à fazenda, puxando o animal fugido, estaria certo de ser o novo marido da viuvinha.

Nesse dia trabalhou como nunca. Mas houve outro fiasco. Nada encontrou pelo serro te. Por lá, verdade, correria um boi vermelho

muito disposto a chifrar as pessoas, de traição, mas longe de ter as características da rês desgarrada.

Não poucas as pessoas que agora aconselhavam o vaqueiro a deixar aquelas paragens. Diziam-lhe:

– Homem, largue disso! Esse touro já se lascou! Nem existe mais.

– Meu coração diz que vive... Outro, mais realista, instruía:

– Volte, mostre ao patrão o que você sofreu. Criatura desvanecida já tinha entregue os pontos.

Não, não podia desistir – repetia obstinado. Achar o touro, uma questão de honra. Se o animal vivia e assim repetidamente o davam os informantes, não findava a missão. Tinha orgulho de ser vaqueiro aprendido.

– Você está perdendo tempo. Acaba com isso. Acabava não.

Começa 1922. Até aí contado o sofrimento, de ninguém acreditar. No serrote do açude Várzea do Boi desmentiu o pé direito, mais adiante tomou perigosa estrepada na coxa. Correndo em meio a caatinga abriu a testa duas vezes. Ferida nos braços, umas três, só de roçar em garranchos, na galharia dos arbustos por onde caminhara. J E não tardou Lampião e seu bando, num descampado, cercaram de chofre aquela figura esquisita que bem podia ser informante da volante policial.

Ouvindo o que o vaqueiro explicou de voz firme e sem tremer, o chefe do bando ficou perplexo.

– Como? Repita isso novamente? Há quantos anos vossa senhoria está dizendo que anda atrás desse touro?

– Perdi a conta, Capitão. Mas acho que vou entrando no sétimo ou oito... nem sei bem. A gargalhada foi geral.

Cabra do bando, propôs: – A gente devia dar uma surra nesse desocupado maluco. Mas Lampião encerrou o assunto, dando por terminado o encontro inesperado: – Vai-te, desgraçado! As onças vão te comer por aí! Riram-se todos outra vez. E atirando para o ar, afastaram-se em galhofa.

Jesuíno, como se nada houvesse acontecido, tratou de sair do mato, alcançar o caminho.

Para onde se mandaria agora, naquele fim de tarde? Devia ser dia de sorte.

Ao longe, bem plantada numa paisagem que parecia inventada, o vaqueiro avistou a casa de uma fazenda, o telhado bem vermelho, paredes caiadas, e ao lado frondosa tamarineira.

Disse a si mesmo: – chegou a hora de comer alguma coisa. Não demorou estar no alpendre largo e acolhedor, a bater palmas se anunciando. Não havia passado um minuto, ouviu passos vindo em sua direção. A porta, então se abriu como em história de sonho. Emoldurada em dois portais antigos, pintados de verde, surgiu a figura de mulher ainda nova, séria, mas de feições agradáveis.

Iniciando o diálogo, o vaqueiro contou: vinha a serviço de patrão rico, a varar os sertões e a percorrer os campos... Mas estava tão cansado de pelejar o tempo todo, que o jeito era se acudir.

A mulher admirou-se:

– O dia todo, andando, sem parar?

E ele, sem perceber que repetia a informação de pasmar as pessoas:

– Sim, há sete anos, agora entrando no oitavo. – Coitadinho, como deve ter sofrido!

Mandou-o descer do cavalo, e sorrindo ajuntou: – Seja bem-vindo. Entre.

Sentando no alpendre, ela confidenciou. Por coincidência, do mesmo modo o marido se ausentara de casa há mais de um ano, também para procurar um boi... Nunca mais voltou.

Suspirou antes de acrescentar:

– Estranhei só no primeiro ano... A solidão não faz boa companhia a ninguém. Agora vou indo mais acostumada, só... e quase feliz.

Na primeira noite, depois do jantar, a mulher fechou a porta da casa, e o vaqueiro se agasalhou como pôde no alpendre.

Na segunda noite, ela sugeriu:

– Seu Jesuíno, tem lugar na sala. Passe lá a rede.

Na noite do terceiro dia, quando ele veio do açude, depois de tomar demorado banho, asseado e penteado, a mulher convidou:

– Se preferir, pode entrar no primeiro quarto. Fique à vontade. Tem só a agitação dos morcegos voando baixo...

Cheio de cerimônias o vaqueiro relutou, mas aceitou, indo largar-se numa confortável cama de varas, bem forrada de lençóis cheirando a Melão-São-Caetano.

Dormiu como nunca.

A acordar já encontrou o café servido em ampla mesa da sala de jantar: era pão de milho, era cuscuz, era queijo assado, coalhada e suco de cajá.

Passarinhos cantavam nas gaiolas. E pelo chão forrado de barro cozido, roendo os pés dos tamboretos caminhava esperto periquito.

Transcorridos uns dias, quando a intimidade dos dois tomara corpo, a senhora levantando-se cedo, delicadamente segurou o homem pela mão e o levou até a porta de onde podiam ver, àquela hora, o terreiro bem cuidado, e por diante o pasto, imenso relvado a se fundir distante com a linha do horizonte.

Pondo carinhosamente o braço na cintura do vaqueiro, ela disse:

– Olhe, olhe bem. Você querendo, vê até o touro de estrela branca...

– Como? – murmurou o vaqueiro, desajeitado, sem perceber aonde a dona da casa queria chegar.

– Bem na sua frente. Basta querer ver. E de voz cariciosa:

– Tente.

Não, o homem ainda pensou responder que nada avistara à frente, naquele mundo de pasto verde. Mas fingiu enxergar o touro que tanto procurava, já começando a gostar principalmente do abraço carinhoso da dona da casa.

0
PODER DO
PENSAMENTO

Não, não fora feliz no casamento”. Não, de modo algum. Pelos restos de seus dias haveria de repetir. Mas que fazer, concorda, era moça passando dos trinta anos, idade cruel para quem acalenta o desejo de casar.

A modo como repetiam os mais espirituosos, e não menos maldosos, à boca pequena, já se fora nela o tempo do terceiro tiro da macaca. O primeiro, dera-se pelos seus vinte anos, a recusar unir-se a um obeso prefeito do interior, além de mais, velho. O segundo tiro, pelos vinte e cinco anos, quando cuidava do enxoval e o noivo, apalavrado, desaparecera.

Em seqüência dava-lhe o destino a figura simpática e bonita de jovem advogado, Dr. Anastácio, o “doutor” como apreciava o chamassem.

Ia agora vivendo, mas amargando. Em rigor o primeiro ano até experimentou alguns momentos de alegria, e por meses chegou a imaginar-se dona do marido, o homem só para si, como sonhara.

Mas logo sentiu. o ir perdendo dia a dia... Primeiro para a rotina do trabalho, o que aconteceu a ingressar na magistratura, tornando-se juiz por concurso público, e por isso mesmo empossado em vara da capital, graças às boas notas conquistadas.

Mas por diante veio-lhe o desprazer de perceber-se rejeitada.

O marido não a tomava na cama como antes. E por último dera em regressar para casa com o odor de perfume diferente do que usava de costume, algo almiscarado, tão enjoativo e de tal modo impregnado no paletó, que, de longe, chamava a atenção.

Foram aos desentendimentos, e o “doutor” sempre a ter desculpa pronta para dizer.

De se ver, dizia, o número de pessoas a abraçá-lo no gabinete. Muitas mulheres querendo favor, damas melosas, grudentas.

Adiante, outra cena... Mais discussão. Aborrecimentos à mesa, na frente dos empregados, o que não parecia correto.

Ainda tentou jeito contornar a situação, fazer-se mais compreensiva, relevar-lhe o procedimento, e no leito entregar-se a ele mais mulher, receptiva. E nada mudou. Acabou compreendendo, o que não lhe foi fácil: o esposo a cada dia mostrava-se-lhe desinteressado, e a lhe cobrir o corpo, na cama, como se a usasse apenas para cumprir dever matrimonial.

Ao correr dos dias tudo piorou. Por derradeiro o “doutor” deu em se ausentar de casa, à noite, a pretexto de visitar algum colega, “verdadeira sumidade em direito” a quem precisava acudir-se de idéias mais atualizadas, indispensáveis para as sentenças a prolatar.

Mais à frente o homem passou a aproveitar feriado que caísse em sexta-feira, a intuito de ficar fora de casa o sábado e o domingo, estratagemas a incluir a invenção de estranhos e não anunciados congressos de magistrados, aos quais não podia faltar.

– É muito sacrifício para mim, mas preciso manter contato com pessoas importantes.

E mais não faltou engrajar-se da secretária, funcionária do Tribunal, criatura jovem e esperta – assim relatavam a ocorrência – e que

nada mais fazia do que correr atrás de desavisados juízes, para arranjar gratificação de gabinete, chefia, e até promoção antes da hora.

E veio dia em que a um repente, em hora de muita inspiração, encontrou a fórmula de resolver todos os seus problemas. Dali por diante passaria a ignorar os fatos desagradáveis do quotidiano, a olhar e ver as coisas de modo diferente. Ah o poder extraordinário da mente humana, do pensamento bem ordenado!

Desse modo, quando o marido anunciava estar de saída à noite, para tratar de assuntos de interesse do tribunal e na verdade a encontrar-se com a amante, ela enxergava os fatos como anunciados por ele. Sim, o “doutor” ia se ausentar de casa, a contragosto, deixando de estar com ela por causa do tribunal. “Maldita a repartição, culpada de deixá-la abandonada em casa a ver repetidos filmes de televisão! Coitado, o marido devia àquela hora estar realmente sendo chamado a interpretar lei antiga das que se podiam ver, por exemplo, no famoso “Tratado Prático e Crítico de todo o Direito Enfitêutico” escrito por Manoel de Almeida Sousa, de Lobão.”

Por que lembrava esse livro? É que estando no gabinete da casa, ocupada em limpar os livros antigos com flanela borrifada de querosene, desafortunadamente despencara do alto, caindo-lhe no dedão do pé, o dito tomo primeiro da obra de Lobão.

Agora, sentia-se mais à vontade. Desde que mudara a maneira de raciocinar, o mundo lhe sorria diferente.

Na cama, não era o corpo do “doutor” que se juntava ao dela em conjunção, mas o de outro homem, ora o que vira de tarde no supermercado, comendo-a com os olhos; ora o de antigo namorado dos tempos colegiais, submisso, por baixo de seu corpo carente de paixão.

O mundo tem cada uma, tinha mesmo! Em antologia de provérbios e ensinamentos filosóficos recomendados para pessoas religiosas, daí a dias, surpresa mas não arrependida do que fazia, leu que cometia adultério quem se deitava com o parceiro, imaginando unir-se a outro homem.

Mas seguiu em frente. Tinha, de modo inesperado, encontrado a fórmula de conviver com o marido, já passando por ingênua, o que o levava, na contrapartida e se aproveitando, a se ausentar de casa com mais frequência. .

Assim mas desembaraçado, o “doutor” armava viagens fictícias, a anunciar ter de embarcar logo mais para outro estado, pois acabavam de atribuir-lhe especial missão inconveniente e desagradável. Queria urgente, na valise de fechos dourados, o indispensável para a viagem. E a mulher, para surpresa dele, a diligenciar com vivo interesse, socando na maleta o que ele ia sugerindo: lenços, o vidrinho de perfume, o barbeador elétrico, enquanto, sublinhando cuidados, exagerava:

– Vai levar umas aspirinas... Não quero que você volte gripado...

– Ótimo, bom, preciso regressar em forma. – E livros? Não vai levar as “Ordenações do Reino”? Foi a vez de ele rir tanto que se sentou na cama. “Ordenações do Reino”! Ora, ora, você está me saindo um número! – foi-lhe dizendo – Isso é obra passada, mulher, só estudada para elucidação de leis antigas... “Ordenações do Reino”... ah, ah, ah...

Ficou ausente uma semana. Entrou em casa queixando-se do trabalho, das discussões em público, e até pilheriou:

– Falou-se muito nas “Ordenações”... Nas camisas sociais, quando ela as despachava para a lavanderia, sentia estranhado o mesmo perfume adocicado usado pelas levianas.

Mas havia, na mulher que persistia nela, por esses dias, o prevaecimento de sua maneira de pensar, algo que acabava transformando as mentiras do marido em acontecimentos verídicos. Tão abrangente esse modo de “passar por cima da realidade amarga”, que o próprio odor descoberto nas camisas do marido soava-lhe erro do próprio olfato... Era infeliz?

De modo algum, principalmente desde o dia em que passou a olhar e ver só o que queria, expediente a lhe dar novo ânimo em sua nova maneira, talvez abstrata, de viver.

Ao marido esse comportamento acumpliciente com o que fazia de errado, era debilidade flagrante da inteligência dela, criatura de pouca visão da realidade.

Encorajado, praticamente assumiu o caso com a secretária, a ponto de, em ousadia, levá-la de visita à casa, a pretexto de mostrar-lhe o gabinete, as estantes com obras antigas...

Clarisse recebeu-a cheia de alegria. Fez-lhe chá com torradas. Mas pediu desculpas, pois havia marcado hora no consultório dentário, ia se retirar.

E na volta, o marido já sem a presença da amante, mostrou-se visivelmente intrigado com o que ela fizera.

– Então, será que você perdeu o juízo? Se não tinha ciúme dele, atentasse para os vizinhos... Como fazia aquilo? Sair de casa deixando-o com uma mulher... Hem?

Ela a sorrir foi-lhe dizendo com confiança: – sei que você é marido sério, e os vizinhos sabem também disso. Não pensei nada de mal dos dois... Só a imaginei vendo os livros de Manoel de Almeida Sousa...

– De quem? – indagou o homem, sem querer acreditar.

– Do Lobão!

O outro acabou rindo também. Em dezembro, aproveitando recesso do judiciário, o “doutor” viajou para cidade vizinha na intenção de participar de importante simpósio em que se iam discutir as “Razões Sociológicas do Direito e sua Influência no Mundo Globalizado”. De regresso, o carro em que viajava, em alta velocidade, foi de encontro a um poste da via pública, espatifando-se.

Morreu na hora.

Mais tarde, trasladado do Instituto Médico Legal para casa, adentrou-a acomodado em luxuoso caixão envernizado, dos mais caros, e acompanhado de destacados magistrados enlutados.

Mas dessa vez ela não usou o seu poder de repensar os fatos.

Quis o marido como na verdade estava: morto.

0 DOENTE

Não mais conseguiu esquecer o amigo, a partir do instante em que tomou conhecimento de seu estado de saúde. Devia consumi-lo amargo sofrimento – imaginou repetidas vezes.

E carta, posterior à primeira, ensejara-lhe pressentir o drama, uns tantos detalhes, simples pormenores – mais igualmente importantes – do que acontecera. Francisco Ribaldo viera de amarga pobreza, mas ao passar dos anos vencera os obstáculos. Assim pôde chegar aos cinquenta, para desfrutar – o que todos consideravam – merecida estabilidade econômica.

Não se pretendia rico, mas dava-se por bem contemplado pela sorte, vitorioso em seus movimentos de obstinação e luta.

Ao recordar a trajetória cumprida, via de modo claro: não fora contar com amigo de indiscutível tirocínio comercial, a acudi-la com providencial aval em título de valor apreciável à época, jamais teria podido instalar a “Ribaldo Livro”.

A carta recebida de Frutuoso, relida ao cair da tarde, significava bastante para os seus sentimentos. Outros – raciocinava – podiam caminhar esquecidos dos amigos, e assumidamente ingratos.

Não ele. Frutuoso havia de merecer-lhe a mais adequada consideração. E não eram íntimos? Não se confidenciaram sempre?

Às tardes, o amigo ainda cheio de saúde, demorava na livraria – a um tempo em que era apenas um arremedo –, sempre a encorajá-lo: “Não esmoreça, homem! Você leva jeito no negócio!”

Por esses dias, Frutuoso ausentou-se. Longe, a amizade não arrefeceu. Mandava-lhe seguidas cartas, caprichando nas informações. Nada escondia, nem mesmo a dolorosa ruptura de seu casamento, quando esse naufragou, com Antonieta a optar, desmiolada, por outro homem a quem Frutuoso, com certo azedume referia: “Só mais pilantra... só...”

Ribaldo recorda-se dela, e estremece emocionado. Um regalo para a vista: mulher de feições delicadas, a ver tipo francês em moda. Mas muito leviana, a se rir de tudo, alegre demais.

O livreiro cerra os olhos. Contempla a mulher infiel, como se ali estivesse diante dele, o colo apetecente e sempre a inventar viagens, a levar o amigo – o desditoso marido – a percorrer o mundo...

Quantas vezes embarcou? Quanto dinheiro dissipado!

Retém a carta, a rever uma ou outra passagem mais significativa, a encontrar, como se estivesse seguindo a pista de um crime, expressões que definiam o desgraçado estado de espírito do homem abandonado... “Há momentos lastimáveis, principalmente quando descobrimos que alguém, a quem tanto amamos, se dispõe a partir...” Por trás dessa frase identificava-se a mulher fatal, desprovida de sentimento...

– Ah, as mulheres!...

Agora acudiam-lhe algumas dúvidas. Nem tudo na missiva do amigo parecia convenientemente esclarecido. E a modo de experimentar arrepio de febre ou algo assim as- semelhado, julgou desco-

brir mais. Ah, o amigo não estava apenas solitário, mas... doente! Possivelmente a mulher o deixara por isso... Doentes não foram boa companhia para Viagens.

Imaginou telegrafar a Frutuoso. “Não sofra sozinho. Venha. Cuidarei de você.”

Assim fez ao dia seguinte: E a resposta veio quase imediata. “Aceito. Estou seguindo”.

É você, Frutuoso?!

Francisco Ribaldo percebeu que se esforçava para conter o pânico, a decepção. Tão fácil em dizer as coisas, e ali, de repente, não encontrava palavras para o tirar do embaraço em que se metia. “Meu Deus, não é possível”. Era. A voz se lhe estancara na garganta, sem sair, ao contato da mão fria, úmida, do vulto magro, chupado que, a se movimentar sofrido, descera do táxi.

E a um instante, indo ao passado, o amigo que chegava explicou:

– Quase me sepultaram, Ribaldinho! Que dias vivi! Terríveis. – Como se tentasse amenizar a cena que armava – Você não podia esquecer... soube ser meu amigo em todos os momentos.

– Faça minhas as suas palavras. Abraçaram-se.

O livreiro, a pretextar providências, afastou-se. Na verdade queria evadir-se, por um minuto que fosse, da fisionomia desgastada do outro, de seus olhos fundos, sem brilho.

– Ribaldinho, você se emocionou? – Sim, sim...

– Lhe digo, agora. Faz tempo que não me vejo diante de espelho. Da última vez, me assustei. Estou perdendo as energias a cada dia que passa.

– Mas tudo, a partir deste momento: vai mudar. Sem preocupações, reagirá logo.

– Que Deus o escute. – Vamos entrando.

Alcançaram a casa, o hóspede tomado agora de fingido entusiasmo:

– Sabe, Ribaldinho? Estou certo de que gostarei dessa temporada sob os seus cuidados.

– Conte comigo.

No interior do quarto, que o aguardava, Frutuoso parecia extenuado a se sentar na cama. O amigo não se importasse – foi dizendo –, queria repousar uns minutos, de roupa e tudo. Fazia-lhe falta um instante assim...

– À vontade, repito. A casa é sua.

– Obrigado, obrigado... – A voz, quase sumida, murmurou – Vou melhorar, acredite.

Pôs-se imóvel, de olhos fechados, dando a impressão de ruir, desmoronar-se.

Sem fazer ruído, Ribaldo deixou o quarto.

À hora do café, cumprindo o regime passado pelo médico, Frutuoso apresentou-se mais animado. Acompanhando o apetite de Ribaldo, comentou: “Eu era assim. Comia de tudo. Nem em sonho imaginava adoecer como aconteceu... Mas não demorou o pior. Primeiro as palpitações, e aí deixei de dormir normalmente... Um desastre! Não tardou a vez do hospital... Ah, aprendi muito! Nessas casas a gente sente estar chegando mais perto do fim, conquanto todos digam o contrário. Médicos, uns mentirosos!

Mastigou a vagar a fatia de pão, antes de continuar: – Antonieta irritava-se comigo sempre, sempre. E eu então comecei a pressentir: a mulher já não era a companheira de antes.

O outro tentou desviar o assunto: – Sirva-se da geléia...

– Estou satisfeito.

Depois de breve pausa, mais sofrido ainda:

– A vida tem gosto amargo, meu amigo. Que gosto! A dor ajuda, como ajuda! Por ela aprendi a ser mais paciente, e até a perdoar. Como é difícil perdoar! – Mais café?

–

– E um pouco de leite?

– Não, não me interrompa, por favor. Eu quero mesmo falar, Ribaldinho. Tenho de dizer-lhe algumas coisas, umas revelações. Estou seguramente certo de que a Antonieta não me deixou por outra paixão... Está claro que ela não suportava me ver sofrer. E minha pre-

sença, tão desnutrida e frágil, já não correspondiamais à idéia que sempre teve de mim, quando me conheceu, por exemplo. Ah. Eu era um pão, como dizem as mocinhas hoje...

– Por favor, vamos mudar de assunto. – Mas eu queria tanto relembrar.

– Deixe pra outra hora, homem.

E o outro calou como se houvesse deixado de existir.

Mais adiante, um mês depois, veio dia em que Frutuoso não pôde terminar a refeição. De um momento para outro, tornou-se pálido, e de voz débil instava a que o levassem dali até o banheiro, à janela... O corpo sacudia-se em espasmo violento.

À porta do W.C., sem mais se conter, como se algo rompesse nele, putrefato e perturbador, pediu a Ribaldo, qual um naufrago: – A drágea, a drágea vermelha! Sem ela eu me acabo!

A empregada veio acudir, atarantada, o remédio. Daí a instante, Frutuoso parecia encalmado, lívido, largado numa cadeira, as feições suarentas, a respirar aliviado.

– Chamo o médico? – queria saber o dono da casa.

– Basta o remédio. É sempre assim...

Os outros se calaram até ele poder falar, a explicar triste: – Por esta e outras você entende. Antonieta não tinha preparo para me ver sofrer. A coitada, educada longe das coisas ásperas da vida, nascida em casa de belos jardins, desconhecia o lado amargo da vida.

E encarando o livreiro nos olhos, ajuntou: Custa se compreender a fragilidade da alma humana...

Enxugando o suor que se lhe esfriava no rosto:

– Estou bem, mas sinto que ao passar dos dias você vai ficando constrangido... É como acontece. Depois não tardará transparecer, me desculpe, que eu sou mesmo um grande problema, alguém caminhando para a ruína total...

Nessa noite o livreiro dormiu realmente preocupado, certo de ter agido assustado, de modo impensado. Como resistiria doravante diante do “padecimento do amigo”?

Foi ver-se ao espelho.

Estava deplorável após a noite indormida. Tinha as feições macilentas, marcadas as olheiras. Que diabo! Não, não era bastante resistente, capaz de ajudar a quem precisasse. E sob vergonha, pela primeira vez se questionou; quem sabe se não estaria ajudando o amigo simplesmente em razão do dinheiro, do aval, que lhe pedira fazia anos? E que, no fundo, não havia sido muito honesto? Sim, aquela Antonieta era mesmo um precipício. E ele, nenhum santo. Sim, não era santo.

A mesa, instantes depois, viu-se sublinhando mais cuidados em favor da saúde do amigo. Mas já agora o outro, de forma estranha, metia-se em silêncios, imerso em reflexões, como se tudo passasse a desgostá-lo.

E veio o dia em que anunciou: – Vou embora.

– Que é isso, homem? Por quê? – Tenho necessidade de partir.

– Mas não sem me explicar! Pelo amor de Deus!

– Ribaldinho – a voz saía-lhe pausada e vagarosa –, estou convencido de que um doente não passa de estorvo para os outros. Não, não fale! Preciso continuar. Todo doente é um ser à parte. Não se ajusta mais ao mesmo ritmo e vida dos saudáveis. Agora, compreendendo de modo bastante claro porque perdi Antonieta. O enfermo que está em mim pesa nos outros, rompe a maneira de viver de quem goza saúde. Em quem encosto, sei, provoço reações dolorosas...

– Que sermão mais sem graça!

– Desde que cheguei, você se transformou na minha mais nova vítima. E sofre. Tudo do mesmo modo como sucedeu com minha ex-mulher...

Fez uma pausa antes de prosseguir:

– Ser humano, muitas vezes é praticar o que nos parece impossível. Você está tentando fazer isso nessa hora.

– Mas, eu...

– Não se aflija. Sou-lhe grato por tudo. Chego à malsinada compreensão de que meu lugar é no hospital.

– Que tolice!

– Seja! – E alheio a tudo continuou – Creia-me: o enfermo percorre distintas fases: primeiro a se julgar ainda senhor de seus atos, ‘a contar com o favor até de estranhos. Depois, desenganado, o que vale dizer, a caminho de Deus. Me desculpe se me mostro estúpido... ou dramático. Já estou no último estágio.

Parou, como a tentar arrumar as próximas palavras que pretendia dizer:

– Ribaldinho, tenho certeza que você não me suportará mais por muito tempo. Esse mesmo pressentimento eu tive com relação a Antonietta.

– Mas, Frutuoso...

– Agradeço-lhe por ter recebido em sua casa, mas partirei amanhã. Mas antes, queria lhe dizer, sem mágoa, sem dor, sem nada... Calou-se.

Diante do olhar assustado do amigo, disse o que o outro não esperava ouvir:

– Ribaldinho, eu sabia que a Antonietta tinha lá as suas simpatias por você...

– Nem pense nisso.,.

– Não fique decepcionado. Não precisa me dizer. Você se comportou como cavalheiro, verdadeiro amigo. Mas minha mulher era assim. Parece até que queria ver até onde ia a minha paciência, e não perdia tempo em tentar s~ mostrar desejada por outros.. até pelo meu maior amigo...

– Por favor...

– Já lhe disse para não se preocupar. Sei que você jamais consentiu em me ferir... Sei, não precisa dizer nada! Quero apenas que me escute. Pois bem, eu devia ter me desvencilhado dela desde aqueles dias... Mas reconheço a minha fraqueza.

E em voz marcada de tremores, acrescentou:

– Não, por mais que ela me fizesse, eu a queria. Não podia perdê-la, Ribaldinho! Não podia! Eu tinha vaidade de ouvir elogios a

mim e a ela, que tinha tido muita sorte em casar com mulher realmente bonita e educada...

O livreiro, sem se conter, alteou a voz:

– Homem, você está a se maltratar inutilmente. O que passou, passou!

– Ah, é fácil falar assim!

E depois de um instante, bastante comovido:

– Desculpe... Avise a empregada para me trazer a maleta... Já arrumei tudo. Por favor peça um táxi. Vou direto para o hospital.

– Você me ofende saindo de minha casa sem mais nem menos!

– Esqueça essa conversa... Peça o táxi. Frutuoso como se ninguém estivesse ali, indiferente a tudo que se movimentava por perto, desatento às passadas da empregada trazendo a mala com remédios e roupas, e distante, muito distante, das ponderações de Ribaldinho, foi-se encaminhando para a varanda, alheado, até alcançar a escada de acesso para a rua.

Corria a tarde de pouco vento, de quase nenhuma claridade, o tempo ameaçando chuva a qualquer momento.

O único ruído mais insólito foi o do carro chegando, rangendo ferragens. Um automóvel bastante usado, barulhento. Com esforço Frutuoso meteu-se no veículo, mas antes de partir acenou repetidas vezes para o amigo perplexo, postado na varanda da casa.

A empregada queria saber do patrão por que o homem se fora assim intempestivamente.

– Foi pela doença? Foi? E Ribaldinho como se falasse para si mesmo, bastante amargurado:

– Não. Pela mulher.

PADEIRO,
PÃO
E AMOR

Estava entrando na idade que para ela própria era o divisor da vida das criaturas, principalmente da mulher. De viúva, qual ela. Assim toda vez que se ia ver ao espelho considerava: não obstante o sofrimento ao longo dos anos de ausência do marido, falecido pelo infortúnio da longevidade (mais idoso três dezenas de anos), via que se quisesse ainda seria capaz de despertar a atenção de alguém.

E vaidosa avaliava o busto, nela bastante generoso, a pele macia, alva, como se os bons fados tivessem posto ali brancura de neve. Via-se desse modo ao espelho, ciente de quê prevaleciam no rosto oval e rechonchudo os olhos pretos e cintilantes... Ah, os olhos que haviam encantado o marido, jamais cansado de louvar-lhe o brilho, a meiguice com que Deus a favorecera.

À moça que vivia em sua companhia há anos, a lhe servir confiante, nunca confessou preocupar-se com a marca, que parecia importante, dos cinquenta anos. Mas a outra via-lhe um tanto desas-

sossegada, acordada até altas horas da noite, como se idéias indesejáveis a acometessem. E veio dia em que se falaram, e foi então que a dona da casa confirmou sentir-se “indo para trás”, e certa de que...

Não completou o raciocínio, mas a companheira compreendeu: estava a senhora consciente de que, de agora por diante, os dias ser-lhe-iam pesados, mais amargos.

A moça arriscou: – A senhora podia sair, ir mais vezes às missas, visitar os parentes, as irmãs...

Acabaram a conversa, nesse dia, sob inquietadoras interrogações. A viúva considerava que pelo menos devia aproveitar o resto dos seus dias, era verdade, a começar vendo a rua à janela, a se distrair com quem passasse na calçada... já uma maneira de afugentar o sentimento de estar isolada “do mundo, da sociedade...

Os transeuntes não demoraram acostumar-se à sua presença.

Depois de assear-se, o que fazia costumeiramente pelas dezesseis horas, vinha demorar na varanda, os braços roliços, cheios de braceletes, acomodados em pequeno travesseiro. E o seu rosto, qual de atriz requestada e que não se queria mostrada às pessoas, punha-se ali horas a fio, até a noite vir.

Sua companheira, tratada na intimidade por Dadá, depois de dar as ordens na cozinha para o preparo do jantar (a consistir em sopa e café com leite, e pãezinhos preparados ao forno, brioches de seu agrado) vinha saber das novidades.

– Nada hoje. Moro em rua tão triste – a viúva lamentava.

– Bem que a senhora podia vender esta casa, ir residir em bairro da moda.

– Aqui conheci a minha felicidade.

A outra aquiescia por gentileza, mas à boca a vontade de dizer:

– passou, não existe mais...

Assim foram-se arrastando os dias até suceder acontecimento inesperado. Certa tarde, a recolher para o quarto, diante da Dadá, confidenciou:

– Nem lhe conto... apareceu hoje um atrevido.

– Como? A senhora conhece?
– Não sei quem é, nem de onde saiu. Foi me ver à janela, encheu-se de alegria como se contemplasse algo de muito agrado... Passou, foi andando. De repente voltou, e parou...
– Como parou?
– Parou aqui, digo, embaixo da janela, a me olhar, a me comer com os olhos... Me comia não, devorava.
– Disse algo de lhe desagradar?
– Não houve isso não! Depois, satisfeito, se afastou indo embora...
– Era idoso?
– Imagine! Jovem, não devia ter trinta anos...
– Só pode ser maluco! Tomara não volte.
– É como espero.
– Então, a senhora esqueça o acontecido... e vamos jantar. A sopa está servida...

No outro dia repetiu-se a cena inusitada. O homem se aproximou, e enquanto a viúva torcia para que se afastasse dali, como da vez anterior parou diante da janela. E foi logo se dirigindo a ela em voz bastante clara, o sotaque português:

– A senhora é realmente um postal.

Assustada, a viúva teve vontade de abandonar a janela, fechar o postigo, mas a curiosidade foi mais forte, porque o cortejador fitando o seu pasmo, dizia:

– Senhora, sou de bem, não quero assustá-la. Desculpe. E antes de seguir caminho, repetiu voluptuoso, ardente:

– A senhora é muito bonita! muito!

Ficou nela o problema de voltar ou não à janela nos dias subsequentes.

Dadá era de idéia que ela não podia se impressionar com um tipo qualquer de rua... Tornasse afazer o de sempre. Se incomodasse não! Não era hábito antigo?

Preferiu dar tempo. Só dois dias depois abriu o postigo, e ocupou novamente a posição que preferia, apoiada. no travesseiro perfumado, a ver quem vinha, quem ia...

Ao tornar ao interior da casa, à proximidade do jantar, Dadá cobrava.

– Ele voltou?

Sem se querer triste ou aliviada, ela respondeu:

– Não, não voltou...

Veio dia, na tarde fresca, quase a escurecer, o homem surgiu outra vez.

– Assustei a senhora? – indagou com delicadeza.

A viúva negou em gesto de cabeça, sem controlar o coração sobressaltado.

Passado um instante, desses em que as pessoas se calam e se analisam, ele disse:

– Sei o nome da senhora, os anos de viuvez, a idade também. É rica, tem imóveis na capital. A moça da casa se “chama Dadá. E mais: vão dizer que ando atrás do dinheiro da senhora. Não ando.

Ela fez menção de recolher, fechar a janela, e parou quando sério ele acrescentou:

– Se me aceitar, caso. Caso com separação de bens.

– Meu senhor, não vê que me assusta? – foi o que pôde dizer.

Fechou o postigo, certa de que o outro não se fora. Depois de instante, a verificar, deparou-o ao pé da janela, súplice, comendo-a com os olhos. – Estou apaixonado – disse-lhe.

Antes de sair contou: era padeiro, fazia pão... Trabalhava com o pai, dono da padaria aonde a moça da casa comprava pão, brioques... Chamava-se Tomé. Era de Trás-os-Montes, Portugal.

. Daí a mais uns dias, voltou a estacionar ao pé da janela, e, galhofeiro, anunciou:

– A gente vai se ver melhor na quarta-feira, cedo.

– Por quê? – assustou-se a mulher.

– Quer dizer que não se lembra mais do seu natalício? E sem a deixar se refazer do susto: – estarei aqui, mas antes mandarei o presente.

Sem dar oportunidade para ela falar, ajuntou a se rir feliz: – Presente modesto mas dado com amor. A mulher tomou-se de per-

plexidade ante aquela inesperada ação. E viu que mesmo se protestasse em voz alta, ele não estaria disposto a ouvi-la.

Já se afastava, a andar pela calçada, a se distanciar cada vez mais, e no percurso, de momento a momento a fazer-lhe gestos de afeição.

Nesse mesmo dia pensou seriamente em chamar o irmão mais velho, contar-lhe a proposta audaciosa do homenzinho pretensioso, João Ninguém que jamais chegaria a merecer-lhe consideração.

Que pensava o bruto? Não via que ela era dama, pessoa de sociedade? Por acaso tinha jeito de mulher que anda atrás de homem? Se quisesse, bom dizer-lhe, já teria metido alguém de seu agrado em casa, não um fedelho cheirando a cueiros...

Sim, era isso. A idade do atrevido era um fosso entre os dois...

Assim contrariada foi sentar-se à mesa.

Nem tocou na sopa. Recusou os brioques...

Como, mas como mesmo o desgraçado fora adivinhar-lhe a data natalícia, se nem ela estava lembrada? E logo pensou: talvez a Dadá...

Chamou a moça à sua presença, olhando-a bem dentro dos olhos. Então, teria por acaso perdido o juízo? Fora contar para um estranho, que passava na calçada, a inexpressivo enxerido, que ia aniversariar quarta-feira?

A outra torcia as mãos, contrafeita.

Deus a livrasse, ia-se eximindo, não' seria capaz de cometer tal indignidade.

– E como? Me ajude a encontrar o segredo desse enigma? Como o malandro fora descobrir-lhe o dia de anos? Como?

Da noite de terça para a quarta-feira não encontrou lugar na cama: o sono não chegava.

Acabou dormindo pouco, ansiosa para despertar, ver o amanhecer.

Logo a claridade invadiu-lhe o quarto, repassada pelas frechas e cortinas da janela da área, pensou que tudo era possível àquele indivíduo.

Nisso tocaram a campã do portão. Mais que depressa foi envolver-se no robe, a alertar a Dadá:

– Corre a ver quem é... A quem lá estiver, diga que estou no quarto... Não era o galanteador, mas homem de entrega. Trazia encomenda, cesta de café da manhã, destinada a dona da casa.

– Tem recibo? – perguntou a moça.

– Precisa não. Está em boas mãos.

Dadá carregou a cesta para o interior da casa: largou-a em cima da mesa.

Desençaram-se, saltando para o ar, logo afastada a fina toalha de linho puro que a cobria, os mais desejáveis odores! A sala tomou-se de deliciosos cheiros, um quer fosse de ardente perfume de pães recém-saídos do forno, e conservados mornos, enquanto, também perfumados, em cada desvão da cesta, obra de arte de bonita cestaria lusitana, a dona da casa podia ir vendo, a umedecer-lhe a boca, uns tantos brioques, pãezinhos de queijo, e por fim mimosa cestinha com pães-de-ló que mais pareciam modelados por mãos de anjos. Então, sem se conter, a dona da casa viu-se a apressar a cozinha para não demorar o café...

– Que pães! – alardeava a Dadá.

– Que bom gosto, que esmero!

– Meu Deus, olhem as paridas?

– Ai, Jesus! E os pães de batata. Fofura só! Ah, mas nada igual aos pães-de-ló... E são dos antigos, dos que se faziam com mais de dúzia de ovos!

Escondeu a razão de ir à janela da rua, àquela hora. Na verdade metia-se a receio de que o homem se lhe metesse de casa adentro... Estava começando a perceber: o apaixonado era capaz de tudo. Parecia ter perdido o juízo.

Andou até a janela, e lá o encontrou plantado ao pé da varanda, todo sorrisos.

– Eu sabia que você ia gostar... Não me agradece?

– Muito... muito... obrigado...

– Diga mais: querido. Ela assustou-se, entalada. Mas sorriu-lhe como nunca fizera a estranhos. E a tanto, como se premiado, o português afastou-se tão alegre que quase bateu no poste de iluminação.

Da janela ela acompanhou-o com a vista até vê-lo encobrir-se entre os transeuntes que saíam à rua, um vulto bem distante, mas não longe de seus olhos agradecidos.

Não se passara uma semana, outra vez o português ao pé da janela, e agora mais íntimo, confiante. Quando a viúva o instou a esquecê-la, a proclamar – o que fazia sem muita ênfase – a diferença de idade entre os dois, a se reconhecer uma dama de ontem, viu-o repelir decidido e romântico:

– Não, não é mulher de ontem, mas de hoje. Aprecio o seu rosto, cabelos, a alvura de cútis; tem mais: o colo... Ah, que o perdoasse N. S. de Fátima, colo em que esperava descansar a cabeça quando voltasse da padaria...

Ela o interrompeu. Não o escutou mais àquele dia. E na intimidade do quarto foi avaliar-se na lâmina do espelho, a sopesar os seios, a ver se a cútis andava como lhe dissera o apaixonado, e se realmente tinha tudo para apetecer.

Foi essa visão de si mesma, como que florescendo outra vez de corpo gasto e sem mais desejos, que a fez sucumbir, a permitir a corte. Já não era sem tempo, que sentia não ser mulher de assumir por mais dias a condição de viúva...

Nos contatos que se ensejaram, daí por diante mais íntimos, ela conscientizou-se de que não era realmente interesse financeiro que movia a paixão do homem, mas os seus atrativos físicos ainda perseverantes...

Casaram-se não obstante a reação dos parentes, a onda de comentários dos que, se fingindo amigos, davam-na por ingênua, arrebatada pela lábia de jovem aventureiro e experiente com mulheres...

Foi em frente. E feliz. Pelo menos no primeiro ano, quando saíam às noites e não lhes faltavam convites para reuniões sociais e diversões em família.

Mas o segundo ano, e jamais confessou à sua confidente, as coisas deram em desandar. Aquela agitação do marido, noites de insônia, a receio de que algo estivesse para acometer, significavam o começo de indesejada depressão nervosa.

Levado a especialista, o médico confirmou o que ela já percebera: infelizmente o marido estava nervoso.

Nada pior poderia ter-lhe acontecido. Passou a compreender que as opiniões dos contrários a seu casamento, prosperavam mais impiedosas. “Sim, só mesmo um homem de pouco juízo, moço e bonito, postularia matrimônio com dama idosa.”

Cada vez que se ia ver ao espelho, a se avaliar, mais constrangida e decepcionada ficava. “Colo bonito”? Aquela montanha de carne, mal contida no sutiã de maior dimensão? Cútis alva? E interessava porventura essa brancura de quem não pegava sol? E o perfil? Como esconder a flacidez da cintura, a obesidade tão pronunciada?

Não, decididamente, não fora pelos seus méritos, por seus atributos femininos, que o homem casara com ela.

Não tardaria a confirmação, quando o marido pôs termo à vida, disparando dois tiros na cabeça.

0
JOGADOR
DE DAMAS

A cidade se aquietara na noite que surpreendia a todos mais que o costume. Após o jantar poucas pessoas saíam à rua encalmada, circunstância que contentava a Rodolfo e o fazia, ao mesmo tempo, vexado. É que àquela hora o homem sabia que se adestravam os amigos para o jogo de damas na casa do prefeito. E ele, para estar presente, tinha de cumprir intolerável ritual doméstico: convencer a mulher de que ela mais uma vez teria de ficar só em casa, enquanto ele... Bom, era isso! Ia divertir-se!

De pé, àquele instante, amassava a ponta do cigarro como quem extermina inseto asqueroso, e arrastando o corpanzil com aparente dificuldade, afinal postava-se diante da esposa, para dizer:

– Você me desculpe, mas tenho de ir ao meu joguinho... Não posso, mas não posso mesmo ficar em casa.

A mulher – aos trinta anos se muito, chamava a atenção pelos cabelos cor de ouro e olhos extremamente irrequietos –, no lugar assumia o mistério de ter preferido unir-se em matrimônio a homem exageradamente gordo; além disso, mais velho.

A voz dela não disfarçava o azedume:
– Você já se tornou viciado! Uma vergonha!
– É só um joguinho, o dinheiro é caroço de milho... Passatempo inocente.

– Inocente, mas aqui fico só, abandonada...
Ele tomou ar digno. Que diabo! Fazia tudo por ela! E lembrou as jóias, o anel de ouro, a pulseira larga...

A mesma cena acabava com a mulher concordando, e advertir solene:

– Que seja, mas pela última vez.
Ah, ele sabia... No fundo mesmo a mulher gostava dele, fazia aquela encenação, um verdadeiro drama de circo, mas ao final succumbia. Que Deus a conservasse sempre assim.

Agora era tratar de ir ver os amigos, participar de esperada partida com o prefeito, no torneio que empreendiam.

Na verdade o jogo o viciara na instrutiva palestra que lhe proporcionava o dr. Rodrigues, homem viajado, entendido de assuntos de política nacional e internacional.

Ao enfiar-se no paletó, teve a impressão de que a mulher não se acalmara de todo, Consentira por questão de delicadeza. E isso o deixava inquieto, apreensivo. Não lhe ia bem tomar atitudes para melindrar a companheira, a querida Hilda que consentira em desposá-lo, sabendo-o assim gordo e esquisitão.

Avançou para a esposa, solícito, e beijou-a.
– Olhe fique direitinha. Volto logo. Partiu. A mulher o acompanhou à porta. Depois que o viu atravessar a pracinha em frente, atingir a outra rua e perder-se no beco a recender o cheiro de pão do forno da padaria, voltou ao interior da casa, com vontade de gritar: “Estúpido! Paspalhão!”

Aproveitava-se das saídas do esposo, sabiam todos, para escandalizar a cidade abrindo o lar a conhecido caixeiro-via-jante. Por respeito ninguém se encorajara até então para contar ao inditoso Rodolfo o que ocorria por ocasião das ausências da casa.

Mas as histórias não cessavam de correr de boca em boca. Até os garotos que o viam passar, para jogar, sabiam: em mais alguns instantes o caixeiro estaria sendo recebido pela esposa.

Rodolfo deteve-se na padaria do português, contentado com o cheiro do pão. Considerou: “Sabe, vou mandar um pãozinho quente para a minha Hilda. Coitada, irrita-se com as minhas ausências e com razão. Não perco nada em agradá-la” .

Assim fez, e prosseguiu caminho a cumprimentar os conhecidos. Mas sempre a pensar no que haveria de fruir na casa do prefeito, a marcar lances tentando papar-lhe as peças, e apertando o ventre proeminente jogada após jogada. Riu alto. Lembrou-se -jamais lhe ocorrera ensinar Hilda a jogar damas. Quem sabe se um dia ela não aprenderia o jogo e ambos seriam mais felizes, passando o tempo no próprio lar? Enquanto andava, os amigos já reunidos confabulavam. O dono da padaria, homem respeitável, testemunhava cenas, ia rememorando, “degradantes, e que manchavam a dignidade da cidade”.

Como ar soleníssimo dizia: “Vejo o amante entrar em casa todas as noites, logo que o pobre homem sai. Mulher descarada! Além de causar a ruína do próprio lar, pode servir – baixou a voz e fez com que os demais se acercassem dele – de exemplo às senhoras respeitáveis. A dissolução contamina.” E depois, grave, retomando o fio da conversa: “Esse jogo de damas está servindo de pretexto para ela se densedentar no amor pecaminoso .

Firmou a última palavra, tomada de empréstimo ao “Seguier”.

O Dantas do botequim, o vereador Antônio Carlos, confirmavam-lhe os receios e esperavam uma decisão que deveria ser tomada pelo prefeito.

– Infelizmente verdade. Não deveremos mais jogar com ele.

– Naturalmente, naturalmente! – aquiesceram os companheiros.

À aproximação da dona da casa, calaram-se os homens, pois o assunto era melindroso. Precisou o Dantas disfarçar, perguntar pela saúde da senhora.

– Vou bem, mas ouvi o que estavam comentando... Aquela Hilda é mesmo espaventosa...

O marido impôs-lhe silêncio, a coisa era grave. Depois, pausadamente, confessou o que estiveram tratando a respeito. Nisso alguém os advertiu de que o enganado vinha perto... Só então o prefeito caiu na realidade: para despachar o pobre homem, precisava arranjar desculpa.

– Inventa-se uma indisposição...

– Melhor eu dizer que estou adoentado... – Falou o prefeito.

– Não, não serve...

Foi a vez de a esposa do prefeito sugerir: “Digam que fiz promessa para o Rodrigues não jogar mais. Confirmarei”. Mal calara, Rodolfo subiu a calçada, arquejando pela caminhada. Cumprimentou a todos com muita satisfação. “E então – foi dizendo – esse pessoal todo veio assistir ao meu jogo? Ah... ah... ah...! “Vocês vão ver! Jogo damas como mestre...”

Sentou-se. Ninguém falou. Estavam todos calados, como que decepcionados. Para salvar a situação, a dona da casa explicou: “Seu Rodolfo, tenho triste notícia para dar. Fiz promessa para meu marido não jogar mais.

– Como, d. Alba? Mesmo? Viram todos o gesto de desalento do homem. Ah, comentou, cortavam-lhe o único prazer que tinha na cidade. E agora? Parecia frustrado, enquanto o prefeito, com certo tato, atenuava a decepção.

– Você compreende. A gente tem de obedecer às mulheres.

– Mandado por mulher! – lastimou-se o outro.

Não havia propriamente vontade de rir em ninguém, mas riram todos.

Rodolfo tentou ainda estirar conversa, cuidar de outro assunto... mas sem o tabuleiro de damas sentia-se perdido para o mundo. Ah, como apreciava o jogo! Como adorava estar com os amigos mais importantes de sua convivência... A esses instantes esquecia-se da vida, de suas preocupações, dos problemas. E desconsolado, murmurou: se assim querem, assim seja.

Ergueu-se da cadeira a despedir-se dos amigos. Esses ainda lhe diziam frases como “Depois a gente volta a jogar”.

– “Toma-se a resolução como provisória” – “Não será por toda a vida...” Intimamente, enquanto caminhava de volta ao lar, pensava na extravagante promessa de d. Alba. Custava crer que a criatura, tão sua amiga, fizesse ,aquilo... Mas justificativa: mulheres são caprichosas.

Atravessou a rua em diagonal, para encurtar o caminho. Outra vez mais intenso o cheiro da padaria. E lembrou ter mandado levar pão quente à sua Hilda. Agora, ela devia de estar se recolhendo, entrando para o quarto, a cochilar até ele chegar...

Ah, Hilda ia exultar de satisfação, considerar-se feliz em tê-lo dali por diante toda noite, em casa.

Parou um momento, surpreso com a idéia que tivera. Quão fora estúpido! Tolo! Que espécie de homem havia sido,

a cúmulo de desprezar a companhia da esposa bonita, novinha, para ir encontrar-se com meros jogadores de damas? Ah, como Hilda deveria ter sofrido esses anos todos!...

Suspirou aliviado. Afinal, graças a Deus estava a se descobrir o estouvado, o ingrato que fora! E dizer que Hilda consentira em casar-se com ele, quando podia ter esperado um partido melhor. Que diabo! Não jogar mais damas parecia-lhe agora a solução da sua vida. E louvou, com entusiasmo, a promessa de d. Alba. Somente assim podia ver claramente o marido desidiioso que sempre fora...

E compreendeu porque a esposa não queria, às vezes, saber do aconchego do seu corpo, dando-lhe a impressão – Deus o perdoasse! – de se encontrar fartada.

Descobria afinal! A mulher ficava triste a vê-lo sair de casa, trocando-a pela companhia de estranhos, desocupados, mal marido...

Bateu com a mão espalmada na testa. Grande inepto havia sido até esse dia! Tolo também, criminoso! Estivera até ali a arruinar o lar, sacrificando a saúde da mulher que o compreendia tanto, mas tanto, a ponto de não querer que se viciasse no jogo. Haveria maior prova de estima que essa? Hilda, grande mulher!

Associou-a àquele instante a sexo, a lugar proibido e pela primeira vez ardentemente desejou-a com um ímpeto que lhe parecia já ausente de suas preocupações.

A impressão é de que recuava no tempo e não era um acomodado gordo, pançudo e de calças frouxas.

E caminhou mais leve, à pressa de chegar à casa, empurrar a porta da alcova e cair nos braços da esposa, a pedir perdão. Ah! se ela o perdoasse agora depois de tudo o que acontecera!

Deixou para trás a padaria, o cheiro do pão, agora certo de estar mais perto de sua Hilda.

Tomou a direção da casa, venceu o espaço da praça semi-deserta, um ou outro par de namorados nos bancos...

Enquanto andava, com o lenço limpava o suor, compunha a roupa. Não se queria em aspecto de desleixo. Àquele instante, fazia sua reabilitação.

E viu-se com o coração a bater-lhe desordenado no peito, diante da casa. Ah, armava a surpresa!... ‘

A partir dessa noite seria um marido ardente e impossível.

Que tal entrar devagar, sem ao menos bater na porta? – pensou. Era mais interessante, armava mais efeito...

Estacou à porta, qual guapo mancebo que vai a encontro amoroso pela vez primeira. O que fazer em seguida? Entrar sem se anunciar? Bater na porta?

Ouvira alguém comentar que surpresas também matam. Assim, passaria os dedos nas venezianas da janela. Fez. E empurrou a porta, a penetrar a casa.

Ah, havia luz no quarto! Era sorte! E já aí o coração batia-lhe precipite, sem controle.

Rápido, como se lhe estivesse próxima a salvação, empurrou a porta do quarto.

Com arrebatamento entrou, ansiando ver-se frente a frente com a esposa amada, desejada como nunca.

Hilda estava deitada na cama, metida em camisola rendada, que ele jamais vira, e de braços estendidos, projetados em sua direção.

Mas um segundo essa visão transformou-se. A fisionomia da mulher mudou. E grito amargurado, de surpresa, ou ódio, encheu o ambiente.

Rodolfo ficou imobilizado, sem saber por que a mulher gritara daquele modo. Só depois de um instante, já refeito, aproximou-se da cama.

– Então, eu a assustei? – repetia perplexo. – Diga: eu a assustei?

O choro dela, agora era forte, convulso.

E ele, se sentindo mais aliviado, julgou compreender que a esposa o amava mesmo de verdade.

Tomando-lhe as mãos, encabulado, antes mesmo de jurar-lhe amor eterno, começou a explicar: a partir daquela noite não mais jogaria damas, nunca mais, nunca mais!

A
VOLTA

Era tudo que não queria, voltar para casa paterna, depois de cinco anos ausente... e dizer, em que circunstâncias! Reconhecia tarde demais, e bastante arrependida, o passo errado dado – não era assim que os mais velhos falavam antes? –, entregando-se a impulsos de paixão (que vinha a ser isso?) e, de repente, tendo que partir com o homem que a enganara desde o primeiro momento, a se dizer desimpedido, pronto a se casar logo o dinheiro fosse suficiente...

Não era homem livre.

Nem tinha perspectiva de ganhar dinheiro.

Uma simpatia de pessoa – como referiam todos que o conheciam –, mas irresponsável. E, por cima de tudo, de pouco estudo. Ah, fazia pena perder-se nele tanta simpatia, tamanha figura de homem, belo tipo, apessoado!

Adiara a não poder aquela decisão de se submeter à dura realidade: tornar ao lar, embora sabendo que a mãe jamais perdoara o transtorno causado.

Comentavam que o pai, de coração fraco, finara-se a desgosto de saber a filha vivendo separada da família e unida a um pilantra de ocupação duvidosa.

Mas isso passara, página virada em sua vida... Agora, tratava de se preparar para enfrentar a dolorosa cena do reencontro. Por isso levantara cedo, e tentava “explicar” ao filho de cinco anos o que estava para acontecer.

Na verdade, raciocinava em voz alta (não se dirigia propriamente ao filho mas a ela própria) a querer, a cada minuto, a cada gesto, se conscientizar do drama que a aguardava.

Também apreensiva, sem prever a reação da genitora a ignorar que ela engravidara logo se ausentara de casa, aliás, já saíra do lar pejada.

Mas o filho que Deus lhe dera, por caminhos tortuosos, contava na vida dela, como contava! Sem a criança – começou a descobrir anos depois – não teria tido forças para enfrentar a vida, as obrigações exigidas pelos empregos a que se submetera, o último a servir de caixa, ocupação em que se sentia terrivelmente frustrada, pois se julgava apta a trabalhar de secretária ou mesmo de atendente em algum consultório médico.

“Sim, assim mesmo...”, ia dizendo a Felipe, que esse era o nome do filho. Estavam indo para uma casa maior, vivenda de agradável varanda na frente, e ensombrada por altanada mangueira que não deixava crescer nada sob sua fronde, mas dava frutos deliciosos o ano inteiro... .

Além da sala, a casa dos pais tinha outro cômodo ligado a corredor iluminado por caprichada clarabóia, embaixo da qual a família se reuniam para almoçar, como se estivesse ao ar livre... Na cozinha, valia destacar o fogão a gás, de ventrudo forno, onde as empregadas, cantarolando, faziam a rosca doce das festas em fim de ano... E mais por diante, depois de alpendre também acolhedor, o fundo do quintal onde cantavam pássaros e havia sombra para a brincadeira de “dona de casa” ou de “mãe cuidando dos filhos”, essas lindas bonecas ou bruxas compradas ao mercado...

– Você vai gostar, Felipe, vai...

Lá, agora se dirigia a ela mesma –, lá é melhor que aqui... Está me ouvindo? Ah, no meu tempo de menina, já mais crescida do que você, a casa era menor mas muito bem cuidada, tida como a mais cobiçada pelos vizinhos, pois além de estar projetada em estilo colonial, ficava do lado chamado “da sombra”.

– Dali, isto é, da varanda. Você está escutando, meu filho? Escute: podia-se avistar uma nesga de mar esbatido de luz, por onde se via, mas nem sempre, um navio passar de viagem... .

E nesse contar, a inserir o resgate de umas tantas emoções, a mulher ia metendo as roupas do menino no sacolão de pano enxadrezado azul, que para acomodar os seus pertences acudira-se de velha maleta, objeto antigo, praticado em fibra, fora de moda.

Dos móveis, os poucos usados no ambiente que deixava, inclusive cama, livrara-se no dia anterior, em improvisado leilão entre amigos, quase todos vizinhos...

Por isso o pequeno apartamento sala-e-quarto, já a esse instante, vazio, parecia ter crescido.

Era o espaço que a ensinava caminhar a desembaraço, indo naquele momento recolher à parede antigo e desbotado retrato, trabalho de estúdio fotográfico, em que ela figurava encostada a uma coluna de fingir mármore, e a resplandecer qual flor, qual outras pintadas no cenário luxuriante do caramanchão, dos que só via em cinema...

E agora?

Chamava a si mesma à realidade, e novamente imaginou a reação da mãe a perceber que não voltava só... mas acompanhada do filho.

Dava para pressentir: as coisas não transcorreriam sem azedume, evidente a partir do momento em que a senhora lhe recomendara chegar de noite “lá para depois das nove”, precaução para manter os vizinhos ignorando-lhe o desastroso regresso.

E agora?

Disse a si mesma outra vez, e olhou o relógio a ver as horas. Considerou que partindo àquele momento, depois das oito estaria

chegando ao destino, podendo rever a casa, na qual se criara, e deparar então a mãe depois de cinco anos de separação...

Viu o seu rosto triste ao espelhinho que carregava na bolsa. E assustou-se com o semblante ali revelado, os olhos de minguido brilho.

O tempo inimigo atroz das mulheres, devastara-lhe o riso fácil, o cintilar do olhar, e começara a semear nos cabelos, tão pretos até então, os primeiros fios brancos.

– Vamos, Felipe? Chegou a hora.

Disse, e foi desligando a luz, empurrando a porta do quarto até cerrá-la por completo, imaginando largar para trás um rol de vexames e privações...

Deixou o táxi com a sensação de que o pior estava para acontecer: o encontro com a mãe, já àquela hora, na condição de abandonada pelo amante, empobrecida e exaurida de entusiasmo pela vida... Puxando o filho pela mão.

A casa silenciosa, ressaltada pela luz das luminárias da rua, cresceu sólida diante dela, mas a mangueira, ah, a árvore de suas recordações mais palatáveis, perdera a anterior imponência – verificou na primeira olhada notando-lhe os sucessivos cortes de galhos para livrar certamente, os fios da rede elétrica.

A fachada já não exibia o colorido de antes, o antigo e fascinante meio tom de tijolo de barro vermelho, que só se via, naquela cor, no piso das casas dos pobres. Exibia agora a marca das reformas, a aplicação, talvez grosseira, de pastilhas coloridas, levemente azuladas.

O portão do jardim, modificado. Mais forte, agora, e de ferro entrançado, longe de substituir à altura o antigo, de sólida madeira pintada de branco.

Foi caminhando, pisando em saudade, até parar diante da porta.

Pegada ao lado reparou, perseverada a latada antiga, erecta em madeira de lei. Nela adivinhava estarem os caibros pintados de azul colonial...

E na porta, bem diante de seu rosto apreensivo, o tal olho mágico, avanço tecnológico que o pai, ainda vivo, inserira para poder saber quem se postava do lado de fora...

Estremeceu. E certamente por aquele visor a mãe se advertira de sua presença, pois devia de estar acontecendo assim, que, de modo inesperado, a porta se abriu, enquanto voz grave mas dolorosa comandou:

– Entre.

“Mamãe não disse “entrem”, ela pensou.

E sob essa averiguação que a inquietou ainda mais, adentrou a sala empenumbada, arrastando a criança.

Abraçaram-se, ambas inseridas na atmosfera de pesar e pouca luz. E em meio choro, se disseram palavras convencionais, tudo sublinhado pela emoção que parecia irromper dolorosamente.

Toda a cena não durou mais que um minuto, pois a um repente, interrompendo-a, d. Carmosina descobriu: não era simplesmente mãe, mas avó. Ao pé dela estava um menino, a razão de muitas noites mal dormidas, palpitações no coração, o peso do indesejável infortúnio suportado anos seguidos...

– Seu? SEU?

–

– SEU????

A filha assentiu afirmativamente com um som gutural e mal definido, a mais parecer gemido.

– Não, não esperava por isso! Não, não é possível! O que iam dizer os parentes, os vizinhos?!

– Pensei que soubesse...

– Ah, meu Deus! – lastimou-se a mulher. – Esperava tudo, menos essa!

– Foi quando a criança assustada tornou sobre os passos, voltando em direção à porta, para sair.

– Abra a luz da sala, mamãe! Por favor! Por favor!

Quando a sala iluminou-se, d. Carmosina, tomada pela surpresa, falou de modo impensado:

– Você tem de dar o filho! Tem!

O silêncio, que os fatos dolorosos ensejam, meteu-se na sala, a envolver, irrespirável, os que ali estavam. E tudo piorou, quando o menino, atarantado mas aflito, choramingava:

– Dá eu não, mãe! Dá não! Volta-se para as duas mulheres, encarando-as desamparado, e seu rosto enlagramado recebia naquele exato momento um jato de luz que escapava do abajur postado ao lado da cadeira de repouso da dona da casa.

No cenário, de sentimentos em choque, esplendeu então, contraditoriamente diferente, infensa a tudo, e pura, a fisionomia do menino, os seus lindos e cintilantes olhos, o rostinho ovalado mas bem composto no qual umas tantas mechas de cabelos, tingidos de igual dourado do de espigas de milho em ponto de colher, graciosamente caíam-lhe sobre as alvas orelhas bem delineadas...

– Dá eu não, mãe! – a criança repetiu. E logo começou a chorar, o que foi fazendo desmanchar em si mesmo a figura de postal caprichosamente colorido, dos que se vendem em loja, e que d. Carmosina vislumbrara nele, agora encantador, sim, e também graciososo...

A mãe o queria consolado, e a tanto ralhava, a repetir parasse de dar escândalo, era feio fazer aquilo, assim virava um enjoado, detestado pelas pessoas! E ouvisse, ia-lhe dizendo em altas vozes: – ninguém no mundo o tiraria dela. O tom era de mãe que não se desenlacha do que lhe pertence verdadeiramente. E então? Mais uma vez mencionou o amor que lhe devotava, força misteriosa que a conservara viva até aquele dia, até essa noite, repetia, no pesadelo que não ia durar para sempre...

Mas o menino não se continha. Sabia que chorando despertava atenção e compaixão. E por mais que o consolassem, não havia meio de se acalmar.

– Calado, vejo o que você está fazendo! E era qual não falasse, como se só importasse nele a vontade de chorar.

De repente, d. Carmosina movimentou-se ágil, e decidida, foi afastando bruscamente a filha para o lado, a explicar:

– Sai, sai!!!... deixa a criança. Já vi que você não tem jeito...

– Mas mamãe... – tentou reagir a outra. – Deixe ele comigo.

Quem criou você, sua mal-agradecida? Quem demorava à noite toda de pé, no quarto, sem dormir um segundo, quando você adoecia? Quem a tomava dos braços de seu pai, para evitar as palmadas prometidas? Quem? Quem, sua desajeitada!? Quem? quem?

Já estava com o menino estreitado nos braços, carinhosa. E talvez pelo inesperado da cena, desse gesto inopinado, o menino foi-se acalmando, mingando o choro até cessar de todo..

Agora chorava a mãe.

E a avó ninava o neto.

PAGANDO
PROMESSA

Foi um dos últimos passageiros a entrar no ônibus e logo todos ficaram sabendo: chamava-se Madalena, para os mais íntimos a Madá sem bondade, que depois de enviudar tornara-se a pessoa mais querida da rua em que morava.

O lugar de sentar marcado na agência, e ela por certo – foi imaginando – tinha tido a boa sorte de ficar ao lado de cidadão muito circunspecto, de barba aparada, e que pela maneira com que a olhava, com atenção, parecia de bom trato.

Ao vê-la, logo o desconhecido propôs permutar o lugar, que o da janela, para ela, começou a dizer, dava mais conforto, podendo viajar recostada. “Viagem é viagem, não obstante ser, a que iam empreender, de apenas três horas... Mas enfadava, valia acrescentar, pois tinha experiência daqueles ônibus de banco duro que maltratava o corpo...”

E com o passar dos minutos, continuava explicando, vencida pelo menos a primeira hora, a pessoa desacostumada a desconforto,

acabava tendo vontade, necessidade, de se recostar na janela... “Uma cochilada entrava bem nesses momentos...

– Eu sou a Madalena – ela se apresentou.

E ele observou: já sabia, pois o nome fora repetido inúmeras vezes pelas amigas que a foram levar ao embarque. Gente muito agradável.

Comentou mais: – Foi o que eu me disse a mim mesmo, assistindo às demonstrações de afeto: “Aí está uma criatura querida, realmente festejada... Deve ser dona de enorme coração”

Ela não parava de sorrir, o que fazia a obturação de ouro, ainda que discreta, cintilar. E a tanto contando que não era bem como o companheiro de viagem pensava, mas a toda certeza fazia alguma coisa pelos amigos e vizinhos, moradores de bairro de classe média, gente cheia de problemas... E não podia fingir modéstia, nem queria se mostrar, mas tinha condições. O marido a deixara com uns tantos recursos que, nessas horas, podia reparti-los, a ajudar os carecidos...

Falou, falou, e de repente parou a reconhecer que incomodava.

– Isso é monólogo, não fica bem assim... Fale, diga alguma coisa. Vai também pagar promessa?

Como se tomasse de susto pela inusitada curiosidade, ele demorou a responder.

Não, preferiu ir explicando, estava muito longe de ser bom católico... Tomara lugar naquele ônibus, por gostar de viajar com pessoas sérias... Não, não ia pagar promessa. Na verdade, até tinha seus momentos de sofrimento, e ultimamente fora acudido por uma graça... Coisa sem importância. Se falar nela, me acanho...

Imagina! Disse ela, ficar encabulado comigo? Qual! E ainda tem a bolsa... – lastimou-se.

O homem então se prontificou a arranjar acomodação para o volume no porta-bagagem do tecto, e como o carro dava de marcha, ela não sabia se lhe agradecesse a gentileza ou se se debruçasse à janela para acenar às amigas, que lhe gritavam frases assim:

“Já arranjou admirador!” – “A viagem vai ser de promessa e sorte!” “Vai deixar de ser viúva!”

Distante do ponto de partida, ela tentava explicar o significado inocente dos ditos chistosos das amigas, coisa de gente nova, irresponsável... “O senhor conhece a mocidade de hoje...”

Ia continuar, mas se conteve. Quis saber-lhe o nome. O homem demorou, relutante, mas afinal respondeu: – Antônio, Tonico... Caixeiro-viajante...

– Ah, que bom! Eu imaginei: a presença do senhor foi um achado. – E baixando a voz – Me disseram tanta coisa, quase desistia dessa viagem... Veja... “D. Madá, o perigo dessas viagens são os assaltos ao longo do percurso...” No último – ela persignou-se e bateu com os dedos no banco, falando “isola, isola” – houve uma limpeza geral. Os bandidos tomaram aos passageiros jóias, dinheiro, lembranças, tudo, mas tudo mesmo... O pior: deixaram o motorista amarrado à direção e jogaram a chave do veículo no mato.

Parou assustada:

– Ai, meu Deus! Eu morria na hora... Despojaram os passageiros aos palavrões, xingando a mãe de um, de outro... Repito: aí eu morria...

– Morria não... A senhora é forte.

– Ah, como o senhor avalia mal! Tem lá ninguém forte para gente perversa, ladrão desalmado... Vote! Por isso dei graças a Deus quando entrando aqui percebi que ia me sentar ao lado de senhor sério. Falei comigo mesmo: é meu dia de sorte. O meu vizinho tem toda a presença de homem respeitador.. .

– Obrigado pela gentileza.

– Pois bem, aqui estamos guardados por Deus e não podia ser diferente, pois não vamos a passeio, fogueatear, entrançar pernas pelo mundo. Nossa missão é abençoada, pois vamos em visita a santuário de devoção. Sabe mais? Tenho de pagar meu débito com o santo... Estive com o pé na cova, tudo por causa de maldita complicação renal... Sofri o que o senhor não imagina.

– Sei, sei como é.

– O senhor tem pedra nos rins?

– Umas duas, mas pequenas...

– Ah, morro de inveja! A minha tem de ser bombardeada, levar tiro, nem sei como é... Mas com as orações que faço, ah meu santo caridoso, já posso dizer que sou outra pessoa.

Tomou funda a respiração, antes de agradecer:

– Aparecendo o noivo, sou capaz de casar.

– E isso não será difícil.

Depois de um momento, ela quis saber:

– O senhor falou em sonho, em promessa...

– Disse – confirmou – mas mentia.

– Se não quer contar, respeito. Não faz bem a gente falar nessas coisas...

O fiscal da empresa vinha andando pelo corredor do carro, parou perto dela:

– Bom a senhora esconder essa pulseira cara... Ela perturbou-se, empalidecendo. – Corno? Tem ladrão no ônibus?

– Em absoluto, mas a pulseira, vê-se, não é ouro fingido, mas verdadeiro. Vale urna nota! Melhor não exibir jóia...

Instintivamente, e assustada, ela segurou o braço do vizinho:

– Ai meu Deus! Ai!...

Enquanto o funcionário prosseguia a dar mais recomendações aos outros passageiros, ela tremia descontrolada.

Foi quando o companheiro de viagem tornou-lhe as mãos, carinhoso, e consolou-a:

– Vamos, se acalme... Nossa viagem vai seguir em paz, sem contratempo algum...

Ela aquiesceu, satisfeita com o modo de falar dele, e, na verdade, gostando do quente daquela mão de homem, que, há anos, parte alguma do corpo voltara a experimentar.

E foi relaxando o corpo, sentindo que algo a apaziguava, tornando-a feliz. E a tanto foi-se ajustando melhor ao assento da cadeira, nem parecia o que lhe tinham dito antes...

Macio o couro, e, por isso veio-lhe a vontade de fechar os olhos, cochilar... dormir...

O veículo, por coincidência, entrava agora em trecho de boa conservação da rodovia em que o asfalto, sem ondulações, ensejava a marcha silenciosa.

Se perguntada a respeito, depois, não saberia informar o tempo em que permanecera assim, nesse torpor, se adormecera ou não...

Mas ao abrir os olhos – que horas davam? –, o ônibus não mais andava. Brecado, de motor desligado.

E à altura de seu nariz, oscilando perigosamente, a ponta de revólver empunhado por mão rude, de pessoa a lhe cobrar ríspido:

– As jóias, pulseiras, brincos...

Atordoada, tentou descartar a pulseira. Não estava mais no pulso. Sem saber o que pensar, se a perdera enquanto cochilava, tratou de despojar-se do par de brincos, logo recolhido pelo assaltante.

A essa altura, o cano do revólver apontava para a cabeça do vizinho, enquanto a mesma voz rude, imperativa, comandava:

– Tio, a carteira... Se demorar, atiro.

Calmo o homem obedeceu, e foi então que ela deu conta de pessoas gritando dentro do ônibus, mulheres desmaiando, tudo pontado por voz áspera que queria os passageiros submissos.

– Calados! Não vamos matar ninguém!

– Silêncio!

Toda essa cena não demorou mais que cinco minutos. Quando os bandidos se foram, fugindo em carro que viera estacionar perto, cada passageiro avaliava o prejuízo, enquanto o motorista, ainda nervoso, reconhecia que ninguém tinha sido maltratado... E decidiu, o que parecia mais razoável.

– Como estamos quase no fim da viagem, vamos prosseguir. Não tenho outra solução.

E antes de alguém protestar, o carro arrancou com velocidade, enquanto um ou outro passageiro, inconformado, queria discutir.

D. Madalena, inconsolável, não podia entender como de repente, sem ver para que, perdera valiosa pulseira.

Aí, meu Deus... – choramingava, e cada vez mais se sentindo desafortunada, ser abandonado, e por isso mesmo carente de afeto.

O caixeiro-viajante acudiu com palavras de ternura e passando o braço sobre os ombros dela, ia-lhe confiando palavras de estímulo:

– Estamos vivos, e isso é uma graça de Deus.

– Sei, sei, mas perdi minha rica pulseirinha. Fui uma tonta vindo com ela, pois me avisaram: podem assaltar o ônibus, os ladrões andam por aí, audaciosos, medonhos.

Na estação rodoviária o vizinho desceu o sacolão dela, vendo-a desmanchar-se em agradecimentos. Não, a viúva comentava, fazia tempo não via criatura assim...

E gemia:

– Mas dói saber que perdi minha pulseira.

Ele mostrava-se comovido. Já apeado, e abraçando-a, disse-lhe às despedias:

– Mas tem Deus para dar à senhora.

Ela conteve o choro, por um instante, e o viu partir, ir seguindo em companhia de outros passageiros, gente que parecia querer evadir-se de perto do ônibus, esquecer os desagradáveis momentos vividos havia pouco.

Só não percebeu quando o caixeiro-viajante, já distanciado dela, retirou do bolso a pulseira de ouro, e a examinou, cobiçoso, à luz do sol.